

À FLOR DA PELE

[escrileitura do sensual]

Márcio Porciúncula Ferreira

2008

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Linha de Pesquisa: Filosofia da Diferença e Educação

Dissertação de Mestrado
MÁRCIO PORCIÚNCULA FERREIRA

À FLOR DA PELE
[escrileitura do sensual]

Porto Alegre, primavera de 2008

MÁRCIO PORCIÚNCULA FERREIRA

À FLOR DA PELE
[escrileitura do sensual]

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Porto Alegre, primavera de 2008

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Adir e Maria, pela oportunidade de me fazerem orgulhoso na realização desse sonho.

A meus irmãos Luciano, Rafael e Fernanda.

A minha tia Neida, pela acolhida afetuosa em Porto Alegre.

A Matilha: Marilu, Mayra, Cassiano, Patrícia.

Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan, minha linda, querida e amada orientadora. Obrigado por tudo!

Aos professores da Linha de Pesquisa *Filosofia da Diferença e Educação*. Paola, Sandra e Tomaz: vocês são um luxo!

A professora Sandra Mara Corazza, pela oportunidade de estagiar na sua disciplina *Teoria de Currículo*.

A turma B do 2^a ano do Curso de Pedagogia da UFRGS, pelos bons encontros em 2007.

Aos meus amigos: Luiz Daniel, Angélica, Carmem.

A Mari e Soeni, pelo aconchego.

Aos professores da minha banca: Carla Rodrigues, Roger Araújo e Tomaz Tadeu, pelas contribuições.

Gostaria de ressaltar que nada até agora em minha vida acadêmica me fez tão orgulhoso e feliz como participar desse Grupo de Pesquisa chamado *DIF: Artistagens, Fabulações, Variações*. Além, é claro, de ter tido a oportunidade de conviver com esses preciosos professores dessa linha de pesquisa. Experiência plena e rara de escrita-escrita-pesquisa-poesia-vida no campo educacional. A vocês mais uma vez, Paola, Sandra e Tomaz: serão eternamente lembrados com muito carinho, amizade intelectual e enorme admiração!

A todos vocês, o meu afeto de alegria.

Quero escrever o borrão vermelho de sangue

“Quero escrever o borrão vermelho de sangue com as gotas e coágulos pingando de dentro para dentro. Quero escrever amarelo-ouro com raios de translucidez. Que não me entendam pouco-se-medá. Nada tenho a perder. Jogo tudo na violência que sempre me povoou, o grito áspero e agudo e prolongado, o grito que eu, por falso respeito humano não dei. Mas aqui vai o meu berro me rasgando as profundas entranhas de onde brota o estertor ambicionado. Quero abarcar o mundo com o terremoto causado pelo grito. O clímax de minha vida será a morte.”

Clarice Lispector

RESUMO

Trata da escrita educacional como problema. Para isso, experimenta-se e interroga-se como praticar tal escrita, não à procura dos significados, mas um exercício de experimentação com a linguagem para liberar as volições de um texto. A partir da proposta de uma língua menor, desenvolvida por Gilles Deleuze e Félix Guattari, bem como por procedimentos literários de várias ordens, essa escrita busca produzir junto com esses autores, um *bloco de sensações*, isto é, um composto de *perceptos e afectos*. Com Roland Barthes o texto educacional torna-se escritura de prazer. Num cruzamento entre filosofia, arte e literatura, encontram-se outros intercessores: Paul Valéry, Samuel Beckett, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Raduan Nassar, Hilda Hilst, Lautréamont e outros mais. A escritura torna-se aqui, máquina revolucionária de inventividade e de produção de *desejo* e de *diferença* no campo da educação. O texto discorre sobre a experiência de um corpo educador-escreitor-pesquisador, e aposta numa *scrita nuova* como objeto de prazer desse mesmo corpo.

Palavras-chave: filosofia, literatura, arte, diferença, educação, escrita.

ABSTRACT

It is about writing – seen as a problem – in the field of educational theory. In line with this, the practice of this writing is submitted to an experiment and to an interrogation, not in search of meanings, but as an exercise in experimentation with language in order to liberate the volitions of a text. Taking as a point of departure the concept of a minor language, such as it was developed by Gilles Deleuze and Félix Guattari, and having recourse to a variety of literary procedures, this writing tries to produce a *block of sensations*, that is, *a composite of percepts and affects*. If we follow Roland Barthes, the educational text becomes a writing of pleasure. At the point where philosophy, art and literature cross each other, we find other intercessors: Paul Valéry, Samuel Beckett, Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Caio Fernando Abreu, Raduan Nassar, Hilda Hilst, Lautréamont and many others. Writing becomes here a revolutionary machine of invention and production of *desire* and of *difference* in the field of education. The present text is about the experience of a body which is the body of an educator-writer-researcher and puts its stakes in a *scritta nuova* seen as an object of pleasure of that same body.

Key-words: philosophy, literature, art, difference, education, writing.

SUMÁRIO

Num lugar chamado ...	12
(sem título) ...	26
Escreitura de nome Désir ...	28
Mal educado, mal escrito ...	31
(sem título) ...	42
Por enquanto ...	43
(sem título) ...	47
Então, como escrever ...	49
(sem título) ...	53
O desejo da escreitura ...	56
Se quer escrever ...	60
isso ...	62
(sem título) ...	63
A paixão escrita ...	64
(sem título) ...	70
Um corpo a escrever ...	73
(sem título) ...	77
Na ponta da língua ...	78
língua louca ...	83
Por que amamos escrever ...	84
(sem título) ...	92
Movimento do escrever. Aprender escrevendo ...	93
É, pois, um sensual que escreve ...	118
Bibliografia ...	120

Textos gravados nos desvãos e recôncavos da
epiderme do corpo amado.
Fantasiados como atos de amor.

abre bem o teu corpo

Ao leitor

Este texto quer invadir tua privacidade.
Sentir tuas entranhas em *defloração* por cada passagem de sílaba privada.
Desonrar as partes do teu corpo consagradas ao pudor.

NUM LUGAR CHAMADO

DESEJO. Alegoria da luta entre a lei e o desejo. Do drama familiar. Culpas, castigo, repressão, moralidade. Sensações e impressões para alimentar o desejo do texto. Desordem, anarquia e revolução exigidas pelo corpo e pela paixão. Entre os objetos que essa escrita consagra estão primeiro os objetos do corpo.

(pescoço)

É no exercício da escrita, como potência criadora, que eu, o desgarrado, o eterno convalescente, o possuído, tomado pela baba do demo, eu, o faminto, inebriado de poesia e delírio dentro de mim, promovo minha rebelião para dar vazão ao desejo; *são as palavras que me empurram* para continuar dizendo que não se pode fazer de surdo aos apelos e necessidades do corpo, às exigências da paixão e do amor, aos chamados do desejo, da escrita possuindo um corpo – *escrituracorporo* – acelerando a ponta dos dedos produzindo a pele, o nervo, os poros e o corpo de uma escrita: *na caligrafia dança a minha alma*, meus instintos, meu corpo e meus desejos; e recomeço desnudando o egoísmo do pai, da lei, da palavra de ordem, denunciando a hipocrisia autoritária dos sermões à mesa, os silêncios onde ninguém é ouvido em seus apelos mais íntimos, em suas necessidades; escrita violenta, amorosa, desnorteadora que quer estranhar, subverter, estorvar o *status quo*, imposto pelo papai-mamãe e toda tirania edipiana, guardiã dos valores morais; ... *eu tinha simplesmente forjado o punho, erguido a mão e decretado a hora: a impaciência também tem os seus direitos*: escritor ávido por

qualquer coisa que perturbe os sentidos, que forja uma saída para trair a lei, a cultura, a crença, o rosto, o significante, o Édipo, a identidade, a linguagem, o gênero: tudo aquilo que está instituído e morbidamente impregnado pela Palavra-do-Pai e pelo Juízo de Deus; escreitura que salta do meio das roupas sujas, do fundo do cesto de roupas; ouve-se um grito escondido dos corpos desejantes, os suores, os sangues de menstruação, os semens da masturbação, peças e palavras que cobrem o corpo do desejo, que escondem num subterrâneo o que se deseja ver, tocar, cheirar; o cesto de roupas que sufoca com sua sutileza as potências e os desejos tenebrosos dos corpos; cada peça no cesto é o pedaço de cada um; o silêncio recatado, o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas; nas dobras das roupas íntimas a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis, as manchas dos panos das mulheres, o soluço mudo do escroto engomando o algodão branco e macio das cuecas, e *as mãos agora poderosamente livres para agir*, desdobrando lentamente as peças de roupa no cesto; mãos em fogo, entorpecidas pelo desejo de escrever, mãos de um doido: ai de todos os lugares onde haja espaço para desenhos e escreituras de um doido; corpo silencioso desregrado convulsivo desmembrado produzindo uma escreitura da carne, da carne turbulenta de mim; corpo epilético, empreitada movida pelo desejo de fazer fugir um corpo; uma escreitura em fuga: reivindicação dos prazeres do corpo; dos prazeres do texto.

quero escrever poesia
na pele
na flor da pele
tua
na flor da pele
nua

escreverei no teu corpo
e ouvirei gemidos poéticos
a cada palavra escrita
sobre o espantoso
corpo
teu

(caixa torácica)

As vísceras todas funcionando fazendo sangue, carne, pensamentos, palavras, sentidos pulsarem, como uma máquina no meio do teu ventre, explodindo em jatos violentos sobre tua pele, mísseis desejantes, cheiros indecifráveis, signos do corpo do teu corpo do meu corpo, *movem o espaço indo um ao encontro do outro,*

o teu do meu

o teu no meu

o teu para o meu

o teu com o meu

o meu com o teu

o meu para o teu

no meu o teu

do meu o teu

meu corpo cheio de sangue que irriga como a um jardim; sangue que se esvai pelo meu pulso; erupções furiosas na pele; impulso da escrita; da chamada do corpo, do desejo: essa escrita; corpo que não para de funcionar, corpo que resiste, escava, exuma, alcança; combatente clandestino, pilota a máquina, vive perigosamente para alcançar o melhor de si e da vida; não tolera o intolerável; ainda

assim continua sem saber o que pode seu corpo; o corpo solto vadeando rolando alegremente pela terra pela lama pelo bosque; nicho mundano: ninho de palha, poça de lama: usina do desejo dos corpos, cenário de devires, revelações e esconderijos; mistura de corpos a ferver dando vazão à produção de uma escrita: de um desejo de escrita.

(nuca ou cóccix)

Num galpão da lavoura onde os corpos escapam, fazem, grudam, tocam, colam, *deslizam-se uns sobre os outros e sobre o chão*, de baixo das árvores, nos pastos, os corpos se movem envoltos em vapor bufando desejo; corpos prestes a explodir, a rasgar a carne; grito profano, barulho infernal, explosão de afectos, uivo de dor e felicidade rompendo com o arcaico: uma criação implode silenciosamente: uma escreteira dos prazeres, uma escreteira das afecções! apelos e necessidades do corpo: urgências suores sangue sêmen febre: traços da paixão e do demoníaco escritos no corpo; festa-tragédia; o corpo é o avesso, foge, abandona o campo para criar, movimenta, tem força e beleza; o corpo sopra o molde da tradição, o corpo sai correndo pra outro lugar, chega correndo bem devagar, sem perceber, sem suspeitar: imperceptível no não-lugar; terra-corpo errante navegante, não tem tempo nem espaço; terra desejanter: a criação que brota dessa lavoura sacode o corpo pra criar e deixa o desejo solto por aí: louco, girando em delírio no meio da roda: jogando e gingando e gargalhando e sonhando; a Terra é o corpo frenético veloz oscilante ofegante; numa golada de vinho e água o corpo a um só fôlego foge; maremoto terremoto tempestade catástrofe; movimento circular elíptico; move novamente – uma mente nova – um corpo novo; o corpo começa sussurrando e depois grita urra, se entrega, goza com a Terra; se faz uma escreteira para

encaminhar o corpo para um outro lugar; para consagrar a selvagem elegância da Terra.

ando tão à flor da pele

toco-me

sinto-me

desejo-me

desejo-te

sinto-te

toco-te

corpo meu

teu

nosso

um + um

huuum

(barriga)

As unhas de um dândi passeiam no corpo e na pele da Terra: agora a Terra é outra: um devir do mundo; recomenda-se um salto; tira o chapéu pra saltar; o corpo sai do arcaico pra habitar lugares inusitados e desconhecidos; o corpo foge e aparece em lugares outros; invade fazendas outras, rios outros; vê um pescador-caçador com suas linhas duras de pesca e linhas de caça, novamente foge da armadilha rasgando a terra; as águas do rio que agora já são outras depois dele – o corpo – corpo em fuga, de fuga – corpo em ziguezague por entre as águas, entre as árvores em velocidades diferentes fugindo uns dos outros rumo ao nada; uma guerra entre linhas da armadilha; redes que aprisionam o corpo; e o corpo que escapa numa revolta ousada sem olhar para trás, fogia: achava que poderia ser transformado numa estátua de sal; assim torna-se capaz de fugir, diferente a cada vez;

o corpo não se agarra

o corpo não se educa

a tudo foge

a tudo fuga

ele escapa por entre os dedos: escorrega; foge sem parar, mal educado que é; não quer educação, desobediente que é; esquece do rosto, das linhas de expressão, mas sorri; o corpo é de outra natureza,

está sempre se modificando variando evaporando resistindo multiplicando-se em muitos; o corpo é impuro profano incerto; o corpo morre pra germinar, criar outra coisa, ficar livre; se faz uma exumação do corpo, contrata-se um arqueólogo que vai exumar o corpo estendido no chão; as crianças, os fazendeiros da terra comemoram: uma explosão de afectos; o corpo mesmo morto promovendo afectos; encontros de outros corpos, uma multiplicidade de corpos; uma formiga, muitas formigas caminham pelo corpo: *É impossível exterminar as formigas*, em linhas fazem rizoma com o corpo, cócegas no corpo, gozo no corpo: *malditas saúvas filhas-da-puta*; o arqueólogo bravo e alegre convida todos a fugir para o deserto e diz: chega de saudade desse corpo; e perguntam para o arqueólogo para onde vai o corpo, o arqueólogo não sabe, o corpo chega; terra úmida de tanto choro; o arqueólogo é um dândi despedaçado e selvagem, usa chapéu, tem unhas compridas, voz rouca, fraca e doce, como a de um feiticeiro; alguém pensa em cortar as unhas do arqueólogo – pra quê? – o arqueólogo diz que suas unhas são assunto de interpretações grosseiras, por isso ele prefere enfiar as unhas no bolso, e não quer mais falar disso; consumido de desejo, em meio à multidão, torna-se imperceptível e seu corpo desaparece por completo, evade, improvisa um lugar outro, aumenta seu território, foge do jogo das interpretações sobre suas unhas; se faz inalcançável; quer promover experimentações e jogos inéditos, alianças alegres, orgias dionísicas; instaurar festas e risadas: bons encontros; ser tomado de alegria: só assim é que se cultua o obsceno que é a vida.

(pênis e escroto)

Uma criação brota germina pula salta; emerge um ritual erótico: signo de potência e violência que faz surgir um pensar; expectora-se um pensamento do fora do peito; lê-se um poema erótico trágico cruel; crueldade inerente à criação e ao pensamento; evocam-se deuses e astros: o Sol, a Lua, a Terra: obtém-se o gozo a mil por hora; vida cósmica, estrela dançante, exaltação de uma vagina, de um falo: festa dionisíaca: vinho, ornamentos, dança, alegria, energia, sensação: embriaguez absoluta dos sentidos: perda de si; o orgasmo permite iniciar a festa, a dança, a tremedeira do corpo da Terra: profundas pulsões cósmicas: estrelas saltitando pululantes; o cosmos em ebulição; vertigem que a dança suscita nas estrelas: núpcias entre corpos: céus e Terra em rotação diabólica: um *ménage a trois*: comunhão de forças: orgia dos sentidos com a Natureza: um laço com diversos elementos cósmicos, quinquilharias mundanas; um ruído, uma vibração das baladas escuta-se e sente-se em toda a Terra; beber e acariciar: tornar-se amante da Terra – uma bacanal na Terra, da Terra, sobre a Terra, para a Terra, *para todos os filhos e frutos da Terra*;

uma dança coletiva em rodopios
uma esrileitura coletiva em rodopios
de lugar em lugar
cantando e dançando e escrevendo

com o corpo empapado de beleza, delírio e desejo; aqui não existe juízo, o crucificado está morto; repete-se a dança, diferentemente; canta-se uma canção, um ditirambo; gagueja-se, o ar falta; a festa é o momento das forças se esvaírem por aí, se excederem, fecundarem, engravidar, potencializar outras forças; uma festa de loucos, fluxos perdidos, liberação de devires; barulho que ameaça a cartografia vigente das ordens e organismos sobre a Terra; devir animal é uma alegria diferente; devir lagarta da lavoura na folha da árvore: vai matar a lagarta na folha e ela foge, voa: devir borboleta: resistência, fluxo contínuo da vida, criação, renascimento, libertinagem da natureza-Terra; vontade de potência, força do desejo.

(peito)

O vinho transpõe os horizontes, os limites, o infinito; transgressão propiciada pelo orgiástico; o vinho nos deixa mais fluídos, num fluxo de alegria e descontração; nos cola ao mais íntimo da vida; faz a festa, as danças, favorece os encontros; o vinho é profano, é sagrado, é o sangue do corpo da Terra; o vinho é puro desejo; desintoxica o corpo, põe a moral pra correr, excita, exacerba os sentidos, permite a saída de si, abre possíveis; encontros de pura beberagem, potência, audácia e sensualidade; introduz os corpos no ilimitado; é o filtro do desejo, para o desejo sair correndo mesmo: festejando, juntando corpos, arranjando coisas estranhas, desmedidas, astros do cosmos: a Lua, o Sol, Marte, Vênus; o corpo dionisiaco arranca o arcaico do confortável, do sossego, desacomoda a tradição, vira de pernas pro ar o instituído; o corpo-Terra desejante move mil afectos, mil alegrias; faz tremer corpos outros em inércia; o que motiva e faz tremer o corpo da Terra é o desejo; o que move é o desejo; o corpo sai caminhando pelo chão da Terra, enveredando-se por terras outras; o corpo é vigoroso, é habilidoso, como o desejo ele não se esgota; o corpo foge do rigor da tradição; o corpo é torto, é vagabundo, irremediável; o corpo explode de convulsão num berro transfigurado; fluxo de sangue; o corpo é caprichoso, nunca esquece dos caprichos, mesmo com os pés chafurdados na lama, na terra da lavoura, dessa *Lavoura Arcaica*; o corpo é poético, é trágico, é versátil; o corpo desejante voa; o desejo é colorido, róseo, azul, violáceo; o corpo se

desvencilha do estabelecido, escapa do Senhor, das caras pálidas, dos *babas de asnos* (ah! Artaud), do rosto do *superstar*; está convicto que nada poderá civilizá-lo, educá-lo; o corpo desejan­te é ético, resiste aquilo que quer deixá-lo fraco, triste; é um esfomeado: tem fome de arte; quer fazer da vida uma obra de arte; acha uma delícia beber sangue, *sugar o sangue que vive na força de um pensamento*, saciar a sede de vida com vermelho vinho; tem um olhar selvagem, associado à embriaguez e ao delírio efervescente e erótico de uma paixão violenta; não é muito sábio, acha muita loucura viver sabiamente; o corpo se contorce, se permite à contorção de devir vegetal para se experimentar fora do humano; o corpo alcança tudo toca tudo move tudo; o corpo se despede; é despido de qualquer tradição ou folclore; o corpo é geográfico; o corpo é um planeta; o corpo é palavra, é escriteira; o corpo tem signos de elemento terra, água, fogo, ar; e quanto de despudor pode um corpo?

(ponta dos dedos)

Noutro dia, por exemplo, saí a caminhar pela noite.

Para seduzir.

Acho que é um dom que eu tenho desde pequeno.

Sou muito hábil em matéria de sedução.

Disso sim eu gosto. Não tenho pudor algum.

Acho até que esse é o meu destino: caminhar pela noite afora roubando e seduzindo almas e corpos.

Me habituei a isso.

Adoro a ferocidade e a respiração da noite.

É quando chego ao extremo e esplendoroso de mim mesmo.

Ao mais silencioso e eterno de mim mesmo.

No fundo de mim.

Durante o dia fico muito paciente e desconhecido de mim.

A respiração do dia é doída.

O dia está cheio de horrores.

O dia me devora.

À noite, entorpecido, seduzo o que seja: pedra, árvore, sereia, demônio, dragão...

O que se atravessa no meu caminho.

E assim ando a procura.

Gosto de seduzir única e exclusivamente para sossegar meus sentidos.

Minha paixão.

Já de madrugada volto pra casa com os olhos em chamas.
Vou descansar o coração.
Para trás da noite, já não quero mais lembrar dos rostos que
passaram por mim.
Nas mãos e no pensamento, só o cheiro e a lembrança dos
corpos que seduzi.
A minha vida inteira sempre foi isso: seduzir corpos na
eterna noite do mundo.
É a minha sina.
Que tremula no mais fundo da noite em mim.

ESCRILEITURA DE NOME *DÉSIR*

APRENDIZAGEM. No encontro com o desejo de escrever, o corpo-pesquisador realizará sua aprendizagem ao mesmo tempo prazerosa e dilaceradora. Tal aprendizagem aqui, não é apreensão de conteúdos, e sim aprendizagem dos prazeres, de uma nova sensibilidade, de uma *scritta nuova* em educação.

Ofegância, cansaço, esgotamento, suor noturno, melancolia, desabamento... Estou parada. Cada vez mais parada. Parada. No limite da impossibilidade. Não sei mais o que fazer. Como fazer. No esgoto profundo. Inferno. Mais do que isto na verdade. Não sei nem quem sou. Não sinto mais meu corpo. Não sei como sair desse lugar. Não sei mais o que posso. Será que ainda causo algum impacto? Será que ainda consigo enfeitiçar? Contagiar? Contaminar? Produzir afectos? Me sinto inacabada. Agora, é necessário que eu pergunte: *Porque temos que acabar tudo? Por quê?* Muita coisa continua encerrada na minha garganta (um suspiro!). Preciso soltar um grito. *O grito que eu, por falso respeito humano, não dei.* Fraco, agudo, não dá mais pra agüentar. Escrever torna-se então meu direito ao grito. Meu estado de graça: *ai daquele que queimar a garganta com tanto grito: será escutado por seus gemidos...* Me sinto esmagada. Desabando. Ressentida. Feia. Preciso driblar o que me acomoda. O que me faz ninar. Aquelas coisas mediócras e simpáticas. Bom senso. Senso comum. Pra cima de mim não. Tenho que sair daqui. Fazer fugir o mundo. Quero que vaze, sobretudo o meu mundo. Quero coisas mais intensas, fortes, potentes, estranhas, malditas,

selvagens, interessantes, importantes. Sempre quero mais. *Quero escrever o borrão vermelho de sangue*. Estou faminta. Meio louca até. Nada tenho a perder. Quem sabe um vendaval, uma avalanche desterritorializante fizesse minha vida cintilar. Absolutamente inerte. É assim que me sinto. Quase morta. Sobrevivente de uma catástrofe. Paralítica. Muda. Reduzida a uma vida medíocre e arruinada. Ressentida. Patética. Desumana. Ou humana demais. Quero ar puro. Não quero desistir agora. Vou tentar outra vez. Outra e outra. Insistir um pouco mais. Repetir diferente. Preciso colocar meu mundo, minha vida em movimento. Sair desse fundo oco. Voltar pra casa. Para o corpo. Minha morada é nas entranhas. Nas vísceras. Em verdade, algo que me obrigue a revolver, redimensionar e transpor essa vidinha minha, tão premeditada, ordinária, besta, para um não-lugar, um lugar sem endereço, de inquietação, desassossego, labaredas, tempestades, que me alavancasse para um ir. Expandir as fronteiras da minha vida. Um simplesmente ir indo. Sem saber onde se está indo. Novos lugares. Novas experiências. Novas vidas. Uma busca pelo desconhecido. Pelo desassossego. Experimentar a quebra de limites. Não quero mais dor. Nem humilhação. Da vida é que quero falar. É dela que trato quando começo a escrever. É a vida o que se inscreve em minha pele. Corpo tatuado de palavras. Estou desejanste para fazer funcionar uma vida. Tenho vontade de engatar uma marcha em alta velocidade, subir a ladeira, ir em frente. Fazer as palavras dançarem. As frases dispararem. Escrever: esse é o meu ofício. É o que me salva. Diminuir a velocidade. Porque agora posso

voar. Partir. É, acho que ta na hora de parar por aqui. Não quero mais ladainha, lamentação, crítica, choro. Que tal um ditirambo? Uma eletrônica? Quero alegria. Quero rir. Quero ir. Seguir as aves que migram. Cruzar horizontes. *Jogo tudo na violência que sempre me povoou.* Então, *aqui vai o meu berro me rasgando as profundas entranhas.* Esse desassossego. Esse canto de alegria. Essa gargalhada. Esse desejo. Esse berro cheio de desespero e *felicidade diabólica...* a escrileitura.

MAL EDUCADO, MAL ESCRITO

DEMÔNIO. Parece às vezes ao pesquisador estar possuído por um demônio de linguagem que o obriga a ferir a si próprio e a se expulsar do paraíso. Exatamente agora, o pesquisador está sendo tomado por mil demônios que escrevem dentro dele.

(costas)

além disso então eu posso escrever

antes que eu possa ser educado

bem antes que eu seja educado

eu posso escrever

tenho um estranho desejo de escrever

antes que meu corpo seja educado

então ele pode até falar disso

que pode ser educado

mas além disso então

ele deveria ter pensado que

um corpo não se educa

por isso ele pode escrever

porque um corpo não pode ser educado

um corpo não se educa

porque sempre a boa e velha pergunta

o que pode um corpo

desde que

um corpo não se educa

um corpo pode escrever

entre outras coisas mais

além de escrever

mesmo escrever com certa prudência

o corpo do escritor não é educado

porque o esquireitor é um incendiário

que incendeia tudo a sua volta

porque é um mal educado

que queima tudo a sua volta

tão ardente que é seu desejo de escrever

o corpo do esquireitor não tem

boca nem língua nem laringe nem esôfago nem ventre

porque seu corpo é

mal educado e desorganizado

só é feito de osso e sangue

mas é feito também de cu

que é sua abertura subversiva

ao corpo educado do esquireitor

mas daí que surge

um corpo puro e novo do escrileitor

que faz escrileitura pura

que faz escrileitura pura e nova

então ele pode escrevler

porque tu sabe que

ele traz o demônio no corpo

porque tu ouvirá

um coro sombrio e rouco dizendo que

algo faz dele um diferente

tu ouvirá uma massa amorfa dizendo que

ele traz o demônio no corpo

e que tem os olhos tenebrosos

esses olhos que a terra há de comer

e tu há de ouvir mais de uma vez que

ele traz o demônio no corpo

e tu ouvirá o mesmo coro dizer sempre

no mesmo som cavernoso que

ele traz o demônio no corpo

e como quem blasfema

esse mesmo coro sairá fugindo desse corpo

gritando

onde ele está com a cabeça

onde ele está com a cabeça

sua língua está entorpecida pelo demônio

seus olhos tenebrosos

a terra há de comer

mas pode ser também que

ele não possa escrever

se seu corpo permanecer educado

ausente de desejo

mas pode ser também que

ele possa escrever agora

porque seu corpo está inflado de desejo

seu corpo mal educado

desejante que é

além disso

antes disso então

seu corpo também pode ser chamado de vida

aliás antes de tudo isso então

vida

potência

desejo

querer permanente de

ser artista do seu próprio desejo

inventor de seu próprio viver

além do mais então

é isso que mantém o corpo do esquireitor vivo

esse desejo de escrever a vida

desejo desejando desejar

o desejo de escrever

então mais do que isso ele pode escrever

estonteante de desejo

faz tremer a carne e os sentidos todos

porque

um corpo não se educa

encarnado de vontade que é seu corpo

porque

um corpo não se educa

tão livre

selvagem

bárbaro

que é um corpo

pois ele até pode falar disso

que seu corpo pode ser educado

mas ele mal sabe que

seu corpo é movido pela força da diferença

então ele pode escrever

porque

um corpo não se educa

porque seu corpo está em devir perpétuo

e isso ele deveria saber

para poder escrever

o escritor deveria saber disso

porque é ilusão sua pensar que

seu corpo pode ser educado

porque o que vem primeiro é

a pura diferença

então ele pode escrever

pode desejar escrever o desejo

mesmo que seja impossível

escrever o desejo

escrever já é desejo

é a experiência do desejo

é o fogo do desejo escrevendo

pode desejar escrever

estranhos e inusitados sentidos

para as coisas que seu corpo

tocado e possuído

pelas chamas do desejo

porque

num corpo educado

não há formigar de nada

porque

num corpo educado

só há um nada de vontade

um nada querer e

não poderia um corpo educado

querer outra coisa

além de nada querer

porque já não quer nem mesmo querer

porque é possuído de nada

(virilha)

É por isso que eu gosto disso.

Mas o nome disso não é isso.

O nome da boca não é a boca.

Os nomes dos lábios não são os lábios.

Os lábios podem ser: carnudos, em formato de coração,
finos, grossos, inferior, superior.

Os nomes das coisas não são as coisas.

As coisas são as coisas.

As coisas são.

Pode ser estranho.

É estranho.

Mas eu gosto disso.

Justamente quando não preciso explicar
o inexplicável que é isso que eu gosto.

Gosto de morder teus lábios e sentir o sangue dos teus sonhos.

Gosto e pronto.

POR ENQUANTO...

Está com medo. Está no quarto. Num canto do quarto, com medo. Perto desse canto, um armário vazio, dentro do qual nunca olhou. Um amontoado de coisas no canto do quarto que não consegue guardar no armário. Está tudo ali. Tudo que há no quarto está meticulosamente empilhado ali mesmo. Está. Naquele amontoado de coisas no canto preferido do quarto. Preferido por vários motivos. Como nenhum outro canto do quarto. Nem mesmo eu entendo o porquê dessa preferência. Talvez haja por ali um mistério que é de sua vida. Nesse canto. Coisas já começam a cheirar mal. A cheirar o cheiro do que somos. Cheiros mundanos. Os cheiros da pele de nós. Líquidos oleosos que escorrem da pele de nós. Oleosos e gosmentos. Cheiros que exalam do corpo de nós. Dentes sujos, unhas sujas, cabelos sujos, bunda suja, buceta suja... *Libido fluida, demasiado fluida, libido libido libido*. Dessa composição química que somos nós. Suor, sangue, saliva, sêmen, cera, gosma. Sobretudo, os cheiros desperdiçados do corpo, no amontoado de roupas sujas largadas meticulosamente no canto do quarto. Cheiros enjoativos de humanidade. Náusea profunda dessa humanidade. Ah, humanidade! Os desejos estão ali. Todos. Está com medo. Até quando irá durar esse medo, não se sabe. Perdeu horas no canto do quarto. Horas e horas. Com medo, cantarolando no canto escuro do quarto. *Sinfonia de um viver*. Por vezes, profundamente silenciosa. Observando o canto do quarto. Em silêncio. Nenhum pio. Apenas com os olhos

vidrados no canto preferido do quarto. Apenas tentando perder sua *montagem humana*, demasiado humana. Tentando traçar uma fuga. Um desejo de destruir aquilo que a construiu. Uma maneira de conquistar uma liberdade em relação àquilo que ela é. E não suporta mais ser. Não suporta. Nem mais um segundo ser ela mesma. *Sinto que uma primeira liberdade está pouco a pouco me tomando*, diz. Desconfio que seu medo seja não daquela *coisa viva* rastejante, mas medo do novo. Do que ainda nem se entende o que é. Mas ela não quer saber mais do é. E sim do que pode vir a ser ela e as coisas. Desconfio. Quem sabe eu esteja errado. Pode ser do escuro. Provavelmente. Ou de viver algo ainda não vivido, sem garantia alguma. Ou ao contrário. Continuar vendo o que sempre viu. Continuar escutando o que sempre escutou. Continuar vivendo o que sempre viveu. Continuar sendo o que sempre foi. Não do salgado e inosso bicho imundo que vive dentro do armário vazio. Mas de desorganizar-se profundamente. De fazer-se pré-humana novamente. De fazer-se estrangeira. De desconstruir o *si*. De perder-se de si mesma. De não mais achar-se tão facilmente. De desumanizar-se. Essa é a questão. *Parar de se pensar como um eu*. Viver fora de si. Mas quem sabe eu esteja errado. Por isso está com medo. Não do escaravelho. Apesar do nojo que causa um escaravelho, o problema não é o escaravelho. Penso eu. Talvez o medo seja entregar-se a tudo que ainda não sabe, não conhece. Porque ainda não sabe como viver. Talvez. Não sei. Desconfio. Quem sabe. Ainda não consigo precisar bem o que é. A tudo que ainda não viveu. Daí quem sabe deixar-se

entregar mais ainda? Quem sabe começar por pequenas liberdades? Será uma *nova covardia* sua? Medo do risco? Do desprendimento dos lugares-comuns? De um viver diferente? Desafio e aventura, melhor seria dizer. Mas, como fazer para que esse medo não reduza sua potência de viver, criar, amar e desejar, já que esse medo a impede de ver algo além do visível, de viver algo que ultrapassa seu cotidiano, para além dos limites de seu corpo? Ah, estou tentando entender seu medo. Acho que entendo sim, esse medo. Quem sabe eu esteja errado. Estou tentando. Só desconfio porque a fiquei observando com medo. No canto imundo do quarto. Cantando e esparramando a voz. Tentando inventar uma saída. Alguma coisa é preciso ser feita. Alguma coisa é preciso ser dita. Mas... o quê? Não se pode viver com medo. Digo isso, porque sei o quanto o medo paralisa a vida. Mais do que isso. Isso do medo. Não o mesmo isso. *Um outro isso talvez.* Imagina o medo de M grandão, maiúsculo, musculoso. Daí a necessidade de dar a mão, possibilitando a superação do medo dela. Será que importa para ela superar o medo? Mas qual? Foi descartado o medo do escuro. Daí a necessidade de uma coragem sempre nova. E de uma mão. Talvez não importe uma mão para ela. Talvez, as linhas da mão, não sei. Para adivinhar o futuro, não sei. Quem sabe eu esteja errado. Uma coragem de encarar o medo. De encarar a vida se reinventando. Pra mim, ao menos, fora esse o medo dela. Quisera fosse só esse. De encarar a vida se reinventando. Nos reinventando. De deixar-se arrastar pela vida. De encarar a força infernal da vida. Da ferocidade da vida. Da beleza

imunda da vida. Pra sentir a alegria e o gosto selvagem e espontâneo da vida. Mas quais são os outros medos dela? Entregar-se ao inumano da vida? Quem sabe. Ela parece tomada por um medo imenso no canto imundo do quarto. Será por desamparo de estar viva? Faça-me um favor. Tudo é ainda possível. *No impossível é que está a realidade.* É preciso acreditar nisso. Ela precisa voltar a acreditar no mundo. Adoro os delírios dela. Contudo, não sei que nome dar ao que lhe acontece. Um silêncio intenso...

Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive, muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente...

Por enquanto, talvez o melhor seja mesmo gritaaaaaaaaaarr.

(nádegas)

Um pequeno corpo troca as folhas
as folhas caem muito lentamente do corpo
é impossível dizer em que velocidade caem
as folhas
as folhas e as flores fazem amor
todos os dias
as folhas e as flores exalam cheiros dos corpos
quando fazem amor
quando chega a primavera
as folhas e as flores
de diferentes espécies
exalam cheiros
de umbigo e de vagina
coisas que escorrem de dentro
de nós
muitas coisas
cheiros indecifráveis dos corpos
de nós
ainda não é primavera
mais lento ainda
soltam-se entre os dedos secos
uma a uma
as folhas

do teu corpo e do meu corpo
exalam cheiros
com o balançar do vento
é outono aqui dentro
o corpo gosta da luz mansa
do outono
das luzes apagadas
da noite
da madrugada
o corpo gosta do cheiro
da chuva
e da quente cor
do vermelho entardecer
o corpo gosta de ver flutuar mansamente as folhas
pelo céu num bonito vai e vem até beijar o chão
as folhas caem
mas não sofrem nenhum arranhão
as demais folhas aterrissam de bunda no chão.

ENTÃO, COMO ESCREVLER?

ESCRILEITURA. Aqui, a escreitura é uma indagação. É o problema. Escrevler não se define mais pelo que diz, menos ainda pelo que a torna significativa, mas por aquilo que a faz escorrer, fluir e explodir – o desejo. É se pôr em estado de criação para poder escrevler. É assim?

A palavra não vem. Se pensa, se pensa, se pensa. E a palavra não vem. E, como escrevler? Como escrevler fora do saber? Como escrevler fora do poder? Como criar? Fabular. Inventar. Abalar. Lutar. Resistir. Se a palavra não vem. Como fazer uma escreitura que convulsione o leitor? O próprio escritor? Uma escreitura que faça alvoroçar e desejar o corpo. Do leitor. Do escritor. Do próprio texto. Como se impregnar dos afetos e forças da escreitura? Como se misturar com elas? Como escrevler com potência? Com sensação. Com desejo. Será trazer à luz potências novas para a escreitura? Será? Então, como escrevler a escreitura com desejo? Como se contaminar pela poética da escreitura? Como escrevler se a escreitura vem quando ela quer? Acontece quando ela quer. De um encontro com o inusitado. Sem o meu consentimento.

Ah, e quando vem..

E quando vem é movida pelo desejo. E quando vem nos pega de jeito. E quando vem é do fora. E está dentro. Entra pelos poros da pele. E sai. E quando vem é do êxtase. Do transe. Do clímax. Do aberto. Do nada daqui. Sem minuto. Hora. Tempo. Espaço. Dia. Não se sabe quando vem.

Ah, mas quando vem...

E quando vem aflora. E quando vem viva. Cria. Vibra. Ativa. Pulsa. Explode. Impressiona. Incomoda. E quando vem imprime no corpo. Arde. Fere. Marca. A ferro e fogo. Abre feridas. E quando vem move. Comove. Sacode. Acode. E quando vem dança. Agita. Chacoalha. Gira. E quando vem grita. E quando vem é grito: transformado em esrileitura. E quando vem rasga. E quando vem vaga. Divaga. E quando vem desabafa. Chora. E quando vem pergunta. Responde. E quando vem crua. E quando vem nua. E quando vem suspira. E quando vem expectora. E quando vem arrota. E quando vem é prazerosa. E quando vem goza. Jorra. E quando vem é uma saúde. E quando vem transforma. Deforma. Descontrola.

louca louca louca
fede a loucura a esrileitura

Mas, quando vem, ah...

E quando vem inquieta. E quando vem arrisco. E quando vem é um desassossego puto. E quando vem estranha. E quando vem é entranha. Nervo. Artéria. Sangue. Plasma. Pus. Saliva. Excremento. Lágrima. Força que estufa o corpo e faz com que algo escorra.

Ah, e quando vem...

Alegria. E quando vem deseja. E quando vem apaixonona. E quando vem é a mil por hora. E quando vem flecha. Atravessa. Finca. O pensamento. Os poros. Afunda na pele. As várias camadas da pele. E quando vem incorpora. E quando vem tem o gosto da carne. E

quando vem é a própria carne. E quando vem tem o perfume do corpo. O cheiro da terra. E quando vem é na hora agá.

Ah, mas quando vem...

Abraça. Abrasa. Incendeia. Seduz. Puxa. Agarra. Gruda. Penetra. Chupa. Engole. Lambe peles com a língua. Explora. Como quem nada quer. Palavras e palavras. Sujas porcas confusas inibidoras moralistas ordinárias insuficientes puras. Aos trancos e barrancos. E a palavra não vem. Nunca nunca nunca. Parar de escrever? Agora não dá mais. Quero ar puro. Algo que eleve minha energia. Caminhar na borda do vulcão. Atravessar a areia escaldante do deserto. Rodar nas encruzilhadas. Andar pelo proibido. Algo que transborde minha potência e me faça assumir todos os riscos. Que libere a potência da vida: poesia, música, dança, orgia, desejo, relâmpago, fogo, chuva, vento, afeto, fantasia, erotismo. Não posso gritar. Melhor sair para fumar. Arranjar uma linha de fuga. Uma saída obscena. Um poder obsceno. Um obsceno poder. Que faça o sangue correr mais rápido. O coração bater mais forte. O corpo todo gozar. Estremecer. Nem que seja de terror. Subir num trapézio. Girar no ar. Dar piruetas. Fazer acrobacias. Malabarismos. Rodopiar. Ziguezaguear. Porque a palavra não vem.

Mas quando vem, ah...

E quando vem pode tudo. E quando vem é um privilégio. E quando vem é força. Trabalho. Resistência. Choque. Eletricidade. Vibração. Respiração. Circulação. Alimentação. Abalo. Sopro. Combate. Processo de escavação. Um *téxtase*: excita e exacerba os sentidos. E

quando vem se mistura. Se multiplica. Se experimenta. Se devora. Se enxuga. E quando vem comemora. Instaure uma festa. Um ritual. Fogueteia. Não teme delirar. Gargalha. Canta. Gira. Geme. Goza. Mexe com o corpo e a alma. Provoca um grito de felicidade. Produz uma fera. Uma potência selvagem. Salta do fora. Como um touro que salta do touril, se faz furiosa e triunfante.

Ah, e quando vem...

Estremece a arena do bom senso e do senso comum. Acontece. Faz poesia. E num piscar de olhos, entre um *drink* e outro, vai embora. Passa. Foge. Escapole. Num salto dá o fora. Estrada afora. E agora? O que escrever?

Como escrever?

Como?

(braços)

Corpo audacioso na flor da idade torcido como
roupa lavada,
amarrado apertado costurado por um elegante
cordão em prata
suspiros esqueléticos, gotas de sangue e tinta respingam em toda a
extensão da folha de papel enferrujada
nervuras brancas, cheiros virulentos da carne,
fruto amargo delicioso
peso volume textura do corpo
braços peito pernas bunda lábios pau
e toda pele obscena que ainda não tocamos
a boca carnuda a florada, inclina-se para o desejo,
a respiração inclina-se para a poesia
(nosso único consolo)
os corpos amontoados em pele sob pele,
o rosto louco ao amanhecer respira teu corpo nu cheio de um
forte cheiro primitivo
tintas coloridas, riscos de lápis fazem girar feroz os corpos
(o dele é todo como se fosse pintado)
pêlos arrepiados, narinas dilatadas
teu corpo próximo do meu incendiando em perfume de vinho e mel
um corpo navega no outro, flutuam, ausência de chão,
estão se afogando!

adormecem em agonia no transe furioso de um poema
lateja em frenética orgia o sangue arco-íris da alma
um corpo devorando o outro incendeiam-se para além de si próprios,
exalam aromas e polens na correnteza dos corpos como
flores embriagadas ao entardecer
fogo azul comestível
agora mais afastados um do outro tocam-se através de um estranho
objeto sem nome,
uma flor áspera selvagem e agressiva
– flor do mal – trepa no teu luminoso corpo
o lápis infestado de veneno percorre a folha de papel seduzindo os
corpos
num traço perfura nossos corpostextos e carrega-os para mais
perto das estrelas
gesto lento dos dedos no fundo das entranhas em flor,
surgem desejos insaciáveis que vazam dos corpos-de-leite
mãos abrindo-se em pétalas amarelas encaminha o corpo para o
gozo da escritura
preciso escrever *poesia de violência pura*,
imprimir sílaba a sílaba meu corpo no teu
sugar o sangue do teu corpo mais ardente que fogo,
chupar o sumo do fruto um do outro em sede,
passar a língua também,
saliva suor sorriso sêmen leite mel
o despudor, a poesia e o riso dos corpos, isso parece ser fundamental

doce embriaguez dos líquidos que chupara do teu corpo empapado
de terra úmida
seiva da vida
escrileitura dos poros, da flor negra da pele,
líquida gosmenta escorre umedecida,
fazendo-se polpa das palavras,
fruta roxa na fogueira dos corpostextos
(de mãos dadas, iremos juntos, incendiar o mundo!)
escrileitura água viva do cheiro vivo das coisas,
do perfume vivo das coisas,
do gosto vivo das coisas, da alegria viva das coisas,
da carne viva das coisas:
que paixão! que loucura! que enfermidade! que delírio!

é você o meu respiro, meu sopro, meu arrepio.

vem comigo,
aqui está o fogo quase líquido e quente que une nossos
corpos,

bebe.

teu corpo se fez meu texto

O DESEJO DA ESCRILEITURA

DESEJO. Há, pois, no desejo de escrever, uma necessidade de inventar novas possibilidades de vida. Escreve-se para criar outras maneiras de viver, sentir e desejar. Para fazer nascer o que ainda não existe. Para expressar e garantir um pouco de vida. Para permitir que o corpo respire.

Pois é. Ela deveria estar cantando. Sacolejando o corpo. Rolando de tanto rir. Deveria estar numa festa rave, num show, numa balada qualquer, numa bacanal. De preferência regada a vinho. Ou quem sabe contando suas histórias e façanhas. São tantos os seus feitos literários, acadêmicos, sexuais, artísticos, educacionais. Tudo isso e outras coisas mais. Além do mais, outras coisas mais. Algo se passa nas palavras escritas, ditas, lidas, ouvidas. Palavras quentes, simples, fortes, sombrias, malditas, mágicas, maravilhosas.

sua fonte palavras bebidas numa tigela saberes sabores de néctar a escorrer da boca delírios de palavras cheiradas numa pele negra numa flor da pele negra aromas cheiros soltos do solo adubo envenenado linhas de vida brilho emoção risco atraência desejo gozo pensamento linhas soltas leves lisas palavras borbulhando desejando derramando lambuzando envolvendo corpos amantes cada vez de novo suas vidas nenhuma palavra será como antes

Escrevler: necessidade de vida: *serve para salvar, para vencer a Morte*. Desejo se fazendo escreitura sempre em via de fazer-se. Escrevler = Desejo: Desejo de Escrevler. Entendido aqui também como Paixão: Paixão de Escrevler – *A paixão escrita*.

escreitura teima empurra dispara afeta apaixona escreve
arrasta corpo nervo boca mãos carne pele cutícula ossos
cartilagem inquieta atenta atravessa transborda o corpo do
escreitor todo o tempo o tempo todo anima vitaliza
reinventa o escreitor arranca palavras língua fora do
canto da boca vísceras subvertendo fluxos de escreitura
eróticos políticos intensos sensuais

Mas, por enquanto tudo continua sem saída. Num silêncio absoluto. Cada vez mais longo o silêncio. Um silêncio que adia ao passar dos dias. Entendia o silêncio absoluto. En-te-di-a.

Luto, calma, repouso, toda calada. Arruinada de tão longo silêncio. Até quando vai durar essa mudez, não se sabe. Passou a vida toda falando em silêncio. Expressando silêncio. Gritando silêncio. E em silêncio parece que acabaria vivendo o resto de sua vida, pois *de quase tudo o que importa não se sabe falar*, quase tudo. Sua vida: um pequeno labirinto. Cheio de silêncio entre portas falsas, sonhos alheios, silêncios pesados, predadores silêncios. Dias que

repetem o mesmo. Estreitos caminhos. Porões escuros. Claustrofóbicos alçapões. Quase nenhuma forma de fuga: sua vida. Silêncio de novo.

(silêncio).

Mas, o silêncio se lê? Se vê? Se escreve?

Agüenta um pouquinho. Espera aí. Quem sabe ela arranje uma história. Fabule uma história. Está sempre por fazer mais, desfazer, fugir, aparecer em outro lugar, desaparecer. Talvez consiga traçar uma saída. Talvez. Encadear palavras, algumas. Umas mais do que outras. Algumas. Produzir uma esrileitura para servir a vida. Para escancarar mesmo a vida. Talvez. Nem que seja aos pouquinhos. Um grito de alarme. Alguma coisa há de vir. Alguma coisa vai criar. Acontecer. Resistir. De repente, de um jeito estranho e infame

ga

gue

ja

balbucia sussurra soluça quase se afoga com a saliva com a baba com a palavra racha abre abrasa a palavra cospe sangra arrota espirra esporra evacua peida assoa vomita convulsa sua espasma chora geme grita gargalha desliza resvala quase aborta quase ejacula quase sai uma palavra suspira vaza expectora pensa goza transborda palavra quase sai, quase escorrega, quase. Mas...

a palavra vem de dentro

sai de dentro

de dentro da boca

ou entra pra dentro

sai entra

entra sai

Como duas ou mais letras se mordendo, se lambendo, fodendo? Quase transborda. Explodindo o fora. Começa a escrever. Como uma fêmea histérica e possessa, é capaz de nos arrancar do confortável lugarzinho a que nos acomodamos.

Se quer escrever...

Dizem que o amor faz pensar.

Li isso num livro.

Eu diria que sem o amor é mais possível de se pensar.

Ninguém consegue ser inteligente quando está apaixonado: há sempre uma força a nos atrapalhar o pensamento.

Ninguém consegue medir as conseqüências de um amor.

É 1 palerma, o amor!

Para escrever e pensar é preciso a não-agitação do coração e da alma.

Ninguém escreve se o coração estiver sobrecarregado das angústias e nostalgias do amor.

Se não estiver com o coração intacto.

E depois há mais coisinhas.

Ficamos paralisados.

Quase impossibilitados de qualquer movimento.

O corpo dói demais. É inevitável.

(Como é tolo um homem apaixonado).

Aliás, há quem pense que *o amor consiste em duas pessoas poderem ser tolas juntas.*

Química complicada essa do amor.

Delírio puro.

No entanto, um paradoxo: *ninguém tem vontade de falar do amor, se não for para alguém.* Sempre há na escrita sobre o amor, o desejo e a

sensualidade, uma pessoa – normalmente um canalha – a quem nos dirigimos.

Daí que o amor pode ser também, a grande inspiração de quem escreve.

E há sempre um doido a estar inspirado.

Já a paquera não produz nada.

Nenhum desejo de escrileitura.

Seria pedir muito.

De resto, se quer escrever,

fuja do amor.

isso

isso tende. isso tende e pressiona. isso tende e pressiona e corcoveia. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se expressar-se. isso tende e pressiona e corcoveia e quer explodir e é sedento e quer espalhar-se e está em tensão com tesão e quer sair de si mesmo e quer projetar-se realizar-se exprimir-se expressar-se arranjar-se. isso escorre. isso escorre e flui. isso escorre e flui e explode. isso se torna escriteitura. a escriteitura torna-se isso. e isso é o desejo.

(coxas)

Noutro dia.

Noutro dia, por exemplo.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas
que andavam.

Noutro dia, por exemplo, fiquei observando aqui do lado de dentro, as pessoas
que andavam pra lá e pra cá.

Lá do lado de fora.

Nenhuma delas lia ou escrevia poesia.

A PAIXÃO ESCRITA

ESCREVLER. Engodos, debates e impasses provocados pelo desejo de exprimir o sentimento amoroso numa criação. Trata-se de fazer do território da escrita um território de reinvenção do discurso amoroso. Nessa práxis amorosa, faz-se necessário o abandono das velhas formas de amar, viver, desejar, ler e escrever.

Que há uma potência desejante, enlouquecida, selvagem que move os apaixonados, disso não temos dúvida. Um movimento que nos leva para nem sei onde. Movimento marcado pelo despojamento de si como forma de reinvenção do discurso amoroso. Um movimento que é fluxo de vida desejante e que arrasta os que se afectam até um infinito, numa espécie de gravitação e vibração do corpo e da alma, numa mistura de afectos: eróticos, sentimentais, estéticos, sensuais. Numa agitação do corpo, que exige novas maneiras de se conectar com o mundo. Novas maneiras de amar.

O coração – *órgão amoroso da repetição, órgão do desejo* –

fica quente, infla, fraqueja e estremece. É atravessado por forças que o fazem pulsar em velocidade outra, agitar em sentidos outros. Uma intensidade, uma violência, uma afecção que chacoalha o corpo do apaixonado. Que força a experimentar o apaixonado. Desse modo, conhece novas maneiras de perceber a vida, de se conectar com a vida. Ah! que delícia é sentir-se assim: desejante. Sempre isso que acaba com a tranquilidade do apaixonado: o corpo e seus afectos, sempre ele, o grande perguntador: o corpo. Do que ele é mesmo capaz, não se sabe. É esse o medo do apaixonado. Não saber no que

pode dar. O que um corpo, o que um afecto é capaz. E não é pouco o medo que tem: ele. O apaixonado conhece o caos, a corda-bamba, o risco, a aventura. Isso ele já experimentou e tem medo. Mas, como fugir disso. Dá pra fugir? O apaixonado quer compor um plano para seus afectos. Para sua vida de apaixonado. Mas, existem planos para algo que é inusitado e fugidio como a paixão? O apaixonado é movido por intensidades que o arrastam, por forças que o dilaceram, que o fazem voar como um pássaro. O apaixonado vive num devir frenético: está sempre agitado, ansioso, energético. Tem voracidade de viver. Vive vibrando em puro desejo, num vulcão secreto, interior. É isso que ele experimenta: uma sensação exuberante de vida. O apaixonado deixa rastros do seu corpo, do seu cheiro por onde passa. Por aquilo que passa por ele. O texto se roça no corpo. Esfrega o sexo no corpo. O corpo se roça no texto. Acaricia o texto: sensualidade que transborda o texto e o corpo: é isso que se sente nesse corpo-a-corpo: uma relação erótica e amorosa na linguagem:

uma roçadura irresistível dos prazeres.

Cheiros do corpo no texto. Cheiros do texto no corpo. O corpo e o texto gozam ao tocarem um ao outro, ao vasculharem o corpo um do outro: do corpo que é texto, e do texto que é corpo:

a escritura passa pelo corpo.

Está explodindo afectos, o apaixonado. Gozando em qualquer canto. Num trincado. Numa fissura qualquer onde possa deixar seu cheiro. Não tem limites o desejo incandescente do apaixonado. Vibra. Treme. Sacode. Curto-circuita corpos. É um fascinado. É o desejo

que dá força para sua vida de apaixonado. Desejo que é força de amar:

o amor é como a violência que força a pensar.

Tenta não se apaixonar, mas não consegue, o apaixonado. É mais forte que ele, a paixão. É uma potência selvagem da vida. Produtora. Maquinica. Criadora. O apaixonado faz desse momento dilacerador, uma esrileitura em carne viva. Esrileitura exposta como ferida aberta. Esrileitura que faz amor com o corpo: gozo puro. Corpo que fode e estoca e penetra e rasga o papel. Amor que inspira escrever. Escreve-se sobre o amor para ficar mais próximo do ser amado. Para celebrar aquele que se ama. Para incluí-lo na esrileitura: *Fragments de um discurso amoroso. Amor em fragmentos.* Experiência que o agencia com o que e com quem ele menos espera. É um imprudente, o apaixonado. Não quer saber de nada. Só de apaixonar-se. Que afectos movem o coração do apaixonado? O que é isso que move o apaixonado? De onde vem essa sensação, essa força? Vem de dentro do apaixonado? Sai de dentro? Vem de fora do apaixonado? É atravessado pelo fora? Entra? Sai? Que erótico esse duplo movimento no apaixonado. Porque sente no peito o apaixonado? Mas não só no peito. Sente no corpo todo. O apaixonado tem um grito selvagem. Grito de prazer animal. Um grito inumano:

não me tirem a força de amar!

O apaixonado é capaz de mover o mundo. Não consegue devir-imperceptível. Ele é por demais eufórico. Notável. Mexe-se como

nunca. Está em transe o apaixonado. Desumanizando-se. Atravessado por estranhos devires. Dançando, rodopiando, cantando por toda parte. Seus afectos retumbam no mundo. Percorrem mundos. Devoram mundos. Atravessam muros. Só vive de afectos. Está sempre com água nos lábios, salivando. Sente sede de beijo. Fome de toque. De abraço. De brasa. De fogo. De troca. Quer só experimentar. O apaixonado incendeia tudo a sua volta. Puxa. Gruda. Envereda-se por pêlos e poros do corpo do ser amado. Penetra o corpo. Chupa o corpo. O apaixonado é um revolucionário. Tem fôlego de sobra pra lutar por sua paixão. Sente a paixão como uma devoradora e uma potencializadora de seu corpo, de suas forças. Sabe que

estar Apaixonado é perder a pose

= dar a cara para tapa, ou ainda, quebrar a cara. O que atravessa e atinge o corpo do apaixonado é um invisível. Quase como um ataque epilético e ataque de asma, esse invisível deixa trêmulas as mãos, os braços, as pernas e todos os órgãos. Atravessa e deforma os sentidos do apaixonado. Transforma os traços do rosto: alegria, tristeza, bravura, ciúmes, brilho nos olhos... eis as linhas do rosto de um apaixonado. Tudo isso movido pelo desejo do apaixonado. Amor, loucura, tesão, paixão, erotismo, beleza: tudo que o desejo faz passar pelos corpos dos apaixonados. Faz os corpos se roçarem pelo mundo. Entrar em conexão com a Terra. Com a brutalidade trágica e obscena da Terra. Afecto que extrapola o humano. O apaixonado lambe a pele do corpo. Goza com o corpo do ser apaixonado. Faz

malabarismos e acrobacias com o corpo. Pinta a língua do apaixonado com a sua língua. Faz a língua entrar na boca, pra dentro da boca do apaixonado, *apenas trocando saliva num encontro delicioso de mucosas*. Nesse roçar de línguas perfura o papel com a escreitura. Passa a ponta dos dedos pelas linhas dos corpos. O apaixonado é um piloto da máquina desejante. Está sempre pilotando afectos. Os movimentos do desejo estão sempre transformando as paisagens da escreitura e da vida do apaixonado. Por tudo isso ele teme espatifar seu corpo pelo chão. Teme dilacerar sua vida. Porque ouviu dizer que amar com violência acaba fatalmente nos matando. E uma pergunta sempre ronda e inquieta o apaixonado: o que pode mais o corpo? O que pode mais? Escrever tudo isso é uma maneira de eternizar momentos, beijos, toques, calores, arrepios, calafrios, impasses do corpo do apaixonado. Escrever é também fazer crescer ainda mais a paixão do apaixonado. É deixar algo vazar do corpo. Fluxos da libido que borbulham dentro dos corpos. É dar prazer, alegria e sentido, às experiências do corpo. Dessa forma escreve-se o nome na palma da mão, num tronco de árvore, na areia da praia e no corpo do apaixonado. E continua-se querendo mais tudo isso. Mais e mais. Foi-se capturado por esse jogo de apaixonar-se. Palavras que apaixonam ainda mais. Escreitura fazedora de poesia: um *discurso amoroso tecido de desejo*. Prazeres do corpo. Dos que escrevem com o corpo. Num toque das mãos no papel se produz uma escreitura: já possuído de amor. Foi a maneira do apaixonado fazer fugir o que estava preso na garganta, no corpo e nos sentidos todos. A maneira

de dizer também que se está entregue de corpo e alma a uma paixão. Isso faz funcionar uma escrileitura. Além disso. Inspirações e sensibilidades dionisíacas. É quando o apaixonado tem garra, bravura para escrever. É o que move a criação de uma escrileitura: dor, amor, desejo, dilaceramento, aventura, estigma, doença, delírio, etc. Essa é a justificação estética do escrever do apaixonado: sempre desejos.

A paixão como um gozo criador.

A escrileitura como um movimento do desejo.

Como uma arte dos prazeres do corpo.

Que traduz a inquietação queimante das entranhas.

Escrever com prazer é. Coisa pulsando. Coisa roçando.

Um roçar vivo das coisas. Dos corpos.

Pequeno gesto amoroso.

(Este é um deles).

Então, goza, vai, goza...

(boca)

Sempre gostei de inventar coisas.

Inventar é uma tarefa manual do corpo.

Mas não é tão fácil assim.

Meu corpo tem muita sede de inventar. Precisa de surpresas.

Mais do que qualquer outra coisa.

Ainda ontem inventei um coração de pedra.

Só para o meu capricho. Construí um. Pra mim.

Por minha conta e risco.

Mas o amor é mesmo um ingrato, não gostou da idéia.

Gosta mesmo é de ficar me infernizando o peito de carne.

É tão difícil dominar o amor. O amor é mesmo um sacana.

Um coração de pedra é uma grande invenção.

O amor não a percebeu assim, paciência.

E de que me importa o amor? E pra que serve um coração?

Tem gente que vive tão só dessas bobagens do coração.

Impressionante é o esforço que se faz para ficar apaixonado.

E depois padecer do mal do amor.

Espero que esse não seja o nosso caso.

Porque matéria de amor não é meu forte.

Sou amador demais para o amor.

Amor pra mim é só um acaso.

... não é uma coisa que se coloca sobre o teu dia como um condimento sobre o teu almoço.

Um homem belo demais às vezes aperta meu coração (por isso um coração de pedra). Me mete medo. Sou sensível demais a selvagem perversidade da beleza. Ainda ontem, estavam perto de mim um dois três quatro cinco seis sete oito nove dez onze doze treze homens muito belos que me doeu o peito. Toquei neles obscenamente com os meus 100. Ninguém resistiria não tocar. Mas eles tinham partes muito feias. Que por vezes eram pornográficas demais. Os dentes quase todos fodidos. Parece que os homens feios são mais educados que os bonitos. Um homem feio, mesmo que sem pudor em algumas partes, é elegantemente sensível e sensivelmente inteligente. (Mais sensível e inteligente do que imaginamos). Não avança pra cima da gente como um homem bonito. Os feios são mais bonzinhos. Só que nunca te tocam quando você mais quer ser tocado. Os bonitos são mais vagabundos. Por vezes só te assustam. Homem mesmo tem que ter modos à mesa (ao comer peixe com espinhas, por exemplo). Principalmente com algumas extremidades do corpo. Só não suporto homem engravatado, de celular na cintura e (ainda pior) demasiadamente educado. É um tédio. Daí minha fragilidade no amor. Se pensou ser educadinho ou delicado demais, cagou tudo. Se pensou ser grosseirão ou esfarrapado, nem pensar. Se pensou participar de concurso de escarro, pior ainda. No entanto, existem outros jeitinhos. 7 por exemplo é um número fundamental na minha vida. Adoro ler uma coisa uma vez, depois outra, depois mais outra. Com um poema é assim. Sempre uma vez é diferente da outra. Sete vezes é o essencial. Acredito em tudo que aprendi até os sete anos.

Até em Deus. Tudo o que vem depois dos sete é mentira. Aos sete anos entrei para a escola. Disseram que inventar um coração de pedra era besteira. Que era algo impossível. Sempre houve muita besteira nas escolas. E tudo continua igual. Tenho cem anos. E é por isso que eu quando crescer não vou amar não. Preferiria mesmo é ter um coração de pedra. Ser desumano. R.B. que sofreu todos os desertos e temores do amor, poderia ter baixado a cabeça e desacreditado da vida. Ou acreditado que estava fora de moda. Ou morto. Mas não. Certamente descobriu certas coisas que eu ainda não descobri. É seu único e simples prazer. O amor, só. Pra mim, talvez o melhor seja outra coisa. Outra coisa.

É com um coração de pedra que melhor me sinto!

UM CORPO A ESCREVLER

CORPO. Escrevler o corpo: suas paixões, instintos e afetos. Todo corpo é sempre um corpo de desejo. Aquilo que um corpo deseja é o que traz em potência. Desejar escrevler é potencializar o corpo com os prazeres da escreleitura. E irradiar vontade de potência para um corpo, que deseja vir a ser mais forte. Que deseja o prazer do texto.

Ir viver para poder escrevler. Tornar-se escreleitura. Escrevler: tomado pelo gosto das palavras. Pelo sabor das palavras. Escrevler o corpo todo. Com o corpo todo. Sobre o corpo das coisas. Escreleitura-corpo: pele, líquidos, palavras, pulsação, ritmo, respiração, rebeldia, força, sensações, intimidade, sensualidade, pudor. Escrevler: para encontrar uma saída. Escrevler: para liberar a vida. Escrevler: traçar linhas de fuga escrevlendo. Escrevler: produzir desejos na carne. Inscrição da escreleitura no corpo de quem escreve: *incorporação*. Ação de um texto. Possessão de um texto no corpo. Escrelizador como artesão que vai bordando as palavras. Alegria que tece uma escreleitura. Movimentos das mãos daquele que escreve. Movimento empurrado pelo desejo. Desejo de escrevler. Não de escrevler sobre. Mas exercício de arrastar a escreleitura, a moral, a verdade, o juízo, a regra, para fora do limite. Ao desconhecido. Ao não-lugar. Escreleitura que se desconhece. Que se estranha. Escreleitura nascida das mãos. Mãos sem rosto. Mãos que tocam no proibido, no imprestável. Mãos que se interessam pelas coisas rasteiras e menores da vida: migalhas, raspas e restos. Mãos

de um devir-educador que se delicia com a imundície dos animais. Que se lambuza com todo o resto, com toda a sobra. Que se aventura com tudo o que é estranho, amedrontador, desviante e arriscado: afirmação de sua vontade de potência. Com tudo o que se despreza e se pisa em cima. Escreitor-educador que deixa escapar o seu lado mais animal, mais estranho, mais impuro e infernal. Já não controla seus instintos mais selvagens, deixa-os vazar. Perde o rosto demasiado humano. Torna-se animal. Late. Ladra. Escreve como um cão que faz seu buraco, um rato que faz sua toca, um bezerro sendo sacrificado, um cavalo a galope, explorando e arrebrandando com tudo, com toda carga, com todo peso, com toda Moral. Como um lobo que uiva contaminado pelos afectos malditos, inventando uma língua, farejando uma nova sensibilidade, produzindo uma escrita ensangüentada, visceral. Escrita das sensações, das sensibilidades, das sensualidades, dos contágios com corpos outros. Devires-animais do escritor. Relação com as forças animais do mundo. Força eqüina da vida. Devires indomáveis. Num escorrer de dança rodopiante e alegre, os corpos leves e soltos, levados pela força das intensidades, do desejo, da vida na sua máxima potência, invenção de novos movimentos, gestos, passos e expressões na educação. Ritos artísticos rompendo com a postura paralisante e enrijecida dos conceitos e práticas pedagógicas e de escrita. Carne rasgada de tanto rir, deixando marcado o território da educação: de urina, cheiros, barulhos esquisitos, tormenta, atos variados, fabulações de pensamento. Afirmação da existência que

implica, uma nova relação com a morte. *Fotografia* dos rostos. O cenário todo. Escrileitura que provoca um transe desvairado no corpo porque não é representação. Educador-antropófago-devorador que defende com unhas e dentes afiados, a vida, o desejo. Escrileitor-educador que dá a cara para tapa. Criatura estranha, maldita, não-familiar. Atravessado por estranhos devires. Um monstro de potências. Tem horror a tudo que controla e apequena a vida. A toda maquinaria em série. Tudo que tritura e esmaga o desejo. Tudo que nos deixa mortos de medo. Do mundo. Da vida. Que assenta o desejo, como um tijolo no muro. Escrileitor que produz uma escrileitura nascida do movimento das mãos. E da sola dos pés. Escrileitura bailarina. Orgia de dias e noites dos dedos. Dança dos pés. Composições onde se constrói e destrói ao mesmo tempo. Marteladas na máquina de controle do pensamento, dos desejos, da vida. Algo importa no correr dessa escrileitura. O desejo da escrileitura que se evidencia no corpo. Que passa pelo corpo do escrileitor. Escrileitura que é também conhecimento e exploração do próprio corpo. Desejo que é força de toda a criação. Escrileitura que acaricia. A superfície da pele. Desejo à flor da pele. Escrileitura à flor da pele. Disparadora de desejos. Desejos disparadores de escrileitura. Desejos que se fazem escrileitura. Desejo de escrever que faz proliferar artistagens de pensamento. Pensamento que vai apaixonando o escrileitor. Como quem nada quer. O desejo da escrileitura tornou-se um disparador que traz ar puro. Que não deixa sufocar. O escrileitor sabe que tudo depende de um pouco de ar.

Interessa, portanto, uma escreteitura que desenvolve forças desejanfes, coragens ainda não experimentadas. Uma escreteitura que deixa marcas nos corpos. Ao pé da letra, uma escreteitura sensual, erótica, sedutora. Que insinua o leitor, o escritor, a experimentar novas sensações. Escreteitura que perfura o papel, penetra o textocorpo. Escreteitura que derruba muros. Muralhas e barreiras moralistas. Quadros-negros e brancos saturados de repostas arrogantes. Rostos de giz com seus buracos negros, saturados de identidades e significações. Escreteitura que joga pedras na cruz da Razão. Que brinca com as certezas. Escreteitura que causa estranha desconformidade com toda organização instituída: a academia, a igreja, a moral. Que gosta dos espaços abertos, livres, indeterminados, indefinidos. Fora dos territórios marcados. Que se descarrilha. Salta fora do bom caminho. Escapole. Porque só importa transformar a própria escreteitura, a própria vida. Interessa o funcionamento, as conexões, os afetamentos. Só interessa aquilo que afirma a vida. Desejos de escreteitura, de alegria. Invenção de novas forças. Variações dos modos de viver, sentir e pensar. Invenção de um novo corpo. De um novo corpo a escrever.

(face)

já não necessito mais de ti
tenho a companhia noturna dos demônios
que moram à beira da minha boca
e cospem flores no meu corpo
(é o diabo agora que me move e até me manuseia)
é repugnante nosso amor se perdendo inútil
aborrece-me e nauseia

não, não preciso mais de ti
mas se encaro teus olhos, meu corpo treme
desejo-te ainda

não, não preciso mais desse objeto repugnante e imundo
que se tornou o nosso amor

não, não serei mais visto por ti
deixo de estar disponível sempre que tu queiras
rasgo com minhas possantes mãos meu peito em pedaços
mordo sofregamente com meus dentes de vampiro a carne
macia e cheia de seiva do coração

não, não cultivo mais saudade por ti
já não posso mais te amar
eu te detesto
não há mais nada a fazer
não, não há mais nada

NA PONTA DA LÍNGUA

ESCREVLER. Uma pequena máquina. Uma máquina literária. Uma máquina de sangue e grito. Produção desejanse de uma máquina de guerra para liberar a vida. Para traçar linhas de fuga. Escrevler os impasses provocados pela vida. Expressir o prazer de ler e o desejo de escrever numa criação: escreteitura.

Um dia, um belo dia, sem ter o que fazer, fez uma espécie de exercício de escrevler. Por diversão. Precisava escrevler o corpo. Com o corpo. Gostava tanto de sentir o desejo da escreteitura se apossando dela. Se incorporando nela. Se encarnando na carne dela. Uma dor no peito. Um desejo. Uma paixão. Uma alegria inexplicável. Exuberante. Um só clímax. Uma perdição. Um grito de aleluia. Um grito apaixonado. Um grito de ave de rapina. Uma risada selvagem e histórica. Um sopro. Um vulcão secreto. Um prazer que inundava aos poucos. De uma vida nascendo. Vida continuada pelo meio. De um nem sempre possível. Daí estava morta. Percorrendo a via-crúcis. Trajeto doloroso do corpo. Mas ela precisava escrevler. Não podia simplesmente passar pela vida. Precisava criar, resistir, resistir à morte, ao intolerável, à vergonha. Para denunciar a baixeza e a vulgaridade humana, demasiada humana. Escrevler era quando enfiava o dedo na garganta. Era essa a fissura por onde explodia. Era esse seu possível. Seu frescor. Seu ardor. Um pouco de escreteitura senão sufocava. Queria se apossar do instante-já. Precisava ousar da mais ousada das experiências. Escrevler era sua desenfreada busca pelo prazer. Sua aventura. Sua felicidade mais diabólica. Palavra

pega com a mão. Praticada como vida. Como um traçado de linhas de fuga. Gostava de inventar palavras. Se incorporar das palavras. Embrulhar o estômago. Torcer os nervos. Adentrar as entranhas. Rasgar a carne. Trincar os ossos. Entrar em convulsão. Adormecer o corpo inteiro. Dança de batimentos cardíacos. Gostava de experimentar o que podia seu corpo. Uma agonia extrema. Um corpo a corpo consigo mesma. Verdadeiro soco na boca do próprio estômago. Escavava o chão com os pés. Desfazia o rosto para criar. Esbofeteava o rosto da escrita. Chicoteava o corpo. Saía do buraco negro do eu. Para tornar-se outra coisa. Para sentir-se viva. Para sentir-se salva. Um sopro de vida. As sensações lhe corriam na carne. Na carne e no líquido vermelho a correr pela carne. A escorrer pela carne: líquido vivo, sêmen vivo. A esrileitura como corpo. Uma alta temperatura do corpo fazia fugir as palavras. Palavras palavras palavras. Escritas vivem o conflito da sedução. Sabem que escrever não é tudo. Precisam dar provas de seus desejos. Produzir afectos. Uma fricção elétrica que lança a esrileitura ao infinito. Impulso do corpo que produz uma esrileitura. A esrileitura sofrendo e desejando para ser escrita. Uma idéia na cabeça. Chupando a idéia da cabeça. Lábios engolem pra dentro do buraco negro da goela. Deliciosa boca de mulher. Escarra da boca uma palavra. Qual palavra? Uma palavra por vir. Do cabaço da cabeça. Do cabaço do Todo-Poderoso. Ó eterna farsa do rosto-escrito do *superstar*: manso, bravo, emburrado. Eis o rosto do sagrado homem. Povoado de afetos tristes. O cérebro do sexo: a cabeça. A língua

lambe as palavras, os verbos, os passos, os pés, as mãos. Ela que ama a língua. A delirante máquina-língua. Expulsa a língua pra fora do buraco negro da boca. Busca o fora. Mexe a língua. Agora... ela tem várias caras. Caras que não se parecem mais com caras humanas. Mula sem cabeça. Caras estilhaçadas. Esburacadas. Uma quase bonita, outra quase feia. E aqueles olhos boiando na superfície branca, no buraco negro raiado de veiazinhas vermelhas. Cara queimada pelo fogo do desejo de tragar. Corpo-fábrica à ferver. Eis a temperatura do corpo dela. Um flagra. Um beijo numa boca. As línguas se atravessando. Uma língua menor dentro da boca de uma língua maior. A escreteira na ponta da língua. A língua empurrando a escreteira pra ponta. Forçando a escreteira. Pro limite. Pra margem. Pra fronteira. Tensionando à invenção. Escorregando num desejo libidinal. Em muitas bocas. As nossas bocas. Deus é uma mulher. É macho, é fêmea. E porque o filho de Deus é um homem? E você ainda suporta o peso das palavras de Deus no seu corpo? Quem Deus pensa que é? Quem ele pensa que é para fazer um organismo no corpo? Um juízo no corpo? Uma palavra e um corpo: uma só carne. Precisava fazer vazar. Vazar feito água viva. Jorrar em palavras. As paixões. Os prazeres. Escreteira que menstrua sua baba ejacula sangra mijá gargalha escarra espirra grita cospe lacrima exala expele expulsa excreta geme treme berra dejeta defeca convulsa transpira espasma urra ovula soluça vomita suspira pensa respira aquece come. A língua cansa. Escreteira que faz tudo vazar transbordar escapar desejar. Escreteira em jato de gozo. Que só

importa fazer gozar. Num jorro pleno deixa emergir os demônios. Extravasar os delírios. Faz fugir o controle. Esquizo-escrileitura: fluida, líquida, desenfreda. Ela gosta de dançar com os dedos. Pensar com os pés. Só escreve aquilo que a faz dançar. É assim que seu deus preferido é aquele que toca flauta e dança. Movimento puro. Pulsações. Agora sinta comigo. Sela então teus ouvidos, teus olhos, teus lábios. Te possibilita sentir saborear um sabor um pouquinho. A escrileitura gozando nela. Sobro o dorso desnudo dela. E nós gozamos a partir do seu gozo. Gozamos juntos. Múltiplos orgasmos com ela. Com as palavras dela. Orgia bela e confusa: uma festa de escrileituras. Palavras montando uma cena. Cenas de escrita. *Noite dascripturas*: um acontecimento. Agora... e esse murmúrio, esse sussurro, esse burburinho todo de vozes, essas outras vozes. Duas, três ou mais vozes ao mesmo tempo, no mesmo espaço. Que não apenas gaguejam, quase abortam, ficam feito resmungonas, tagarelas. Uma tagarelice quase gaga quase grogue quase louca barulhenta polifônica. Mistura de vozes, todas falando ao mesmo tempo. Vozes esganiçadas incomodam perturbam desequilibram desintegram deformam. Vozes desordeiras. Um coletivo de vozes escandalizando a língua. Vozes de linguarudas. Forças que afirmam uma outra maneira de afetar. De arrepiar. De curto-circuitar. De criar uma fuga. De fazer escapar. Extravagâncias da vida. Invenção de novas sensibilidades. De novas possibilidades de vida. Balbucios gritos voz quase fraca quase meiga obscenidade sensual que se adona se apodera da boca da língua da saliva do lábio do buraco.

Movimentos da língua. A língua na ponta dos pés. A esrileitura na ponta da língua. Seja o que for é delicioso. Algo se passa. Desliza. Escorrega. Roçar dos lábios. A língua leve lisa louca móvel lambe a boca bela dela nossa. A língua brinca. Experimenta em nós.

língua louca

língua louca gaga que loucura dizer isso dessa
loucura da língua dela dado que isso essa loucura
do desejo da língua dela de ver ouvir sentir outra
língua dela disso dessa loucura de tudo isso dessa
loucura dela de deslizar gaguejar entre lábios o
quê como dizer como escrever vendo tudo isso
sentindo levando até o limite do limite do desejo
dela que deseja arrastar a língua dela a delirar a
língua que deseja tudo isso dela toda essa loucura
dela disso de como dizer como escrever toda
essa loucura dela disso de tudo isso do desejo que
deseja a língua dela como

POR QUE (AMAMOS) ESCREVER?

AMOR. Todo desejo de escrita é um empreendimento amoroso. Lugar de experimentação e criação. Produção de novas sensibilidades. Uma declaração de amor com a língua. Um deliciar-se com o sabor das palavras. Um escrever com a boca. Uma escrita para ser degustada e experimentada sob a forma de prazer.

Quando se escreve, é certo que algo se passa no corpo de quem escreve. E na cabeça de quem escreve. É uma vontade incontável de escrever. Um desejo irresistível. Um arrebatamento. Uma eclosão. Um formigamento. Uma afecção ardente. Uma potência diabólica. Uma explosão de afectos. Uma sensação deliciosa pelo corpo. Só que há uma diferença: quem escreve com o corpo, escreve com sangue. Quem escreve com a cabeça, escreve com _____.

Os textos escritos com sangue são aqueles que as palavras são nacos de carne do corpo do educador-escrevedor. São os que arrebatam as veias. Que defloram os desejos. E sensibilizam cada micro-célula. São densos, tensos, intensos. Mexem com o corpo, a alma, os prazeres e a respiração do escrevedor – que respira pelo pulmão do texto. São inseparáveis da vida. São escritos com a força do corpo. Com a força da vida. Sem um por quê. Sem um fim. Só se deseja continuar escrevendo. À custa da alegria, da leveza e do desejo.

Os textos escritos com _____ não costumam desejar o leitor, nem o próprio escritor. Porque não produzem nenhum prazer. São penosos. Enfadonhos. Caquéticos. Carregados de significações. Deixam o corpo do jeito que sempre foi. Do jeito que está. No mesmo ritmo. Idêntico. Desanimado. Interditado. Empanturrado. Sem diferença alguma. Sedentário. Neste caso, não se sente nada além do que já se sentiu. O esrileitor tem os dedos de chumbo.

Em verdade, os textos de _____ são os que menos importam. Não estamos nem aí para suas intenções, objetivos, métodos, finalidades e promessas. Desprezamos qualquer explicação, informação, elucidação ou ensinamento. Qualquer julgamento e adoração a esses textos. Qualquer segredinho. *Que se dane o leitor interpretante*. Isso não é com a gente. Não temos nenhum interesse nisso. Não há nada a compreender, nada a interpretar. Tudo isso nos constrange. Nesses, nada se passa. Sendo *improdutores de prazer*. São os que irritam a garganta. Que entram por um ouvido e saem pelo outro. Esses, se prefere não.

Importam sim os textos que enlevam o pensamento. Que nos enchem de tesão. Que ativam a potência. Que desacomodam regras. Que causam um abalo sísmico no corpo. Que constroem a esrileitura educativa. Que desconcertam as concepções de mundo. Que

desconfortam as relações com a vida. Que colocam em estado de perda os afetos do esquireitor. São textos feitos de prazer, força e intensidade. Que fazem entrar em crise a relação do esquireitor com a linguagem. Que tem um modo extraordinário de dizer e se relacionar com a esquireitura. Nele, não há regras pré-estabelecidas, mas uma rigorosa produção de diferenças. Escrever de outra maneira: um jeito inédito de fazer sentir. E respirar.

Interessa sim, o texto que faz pulsar o mais impossível e desconhecido de cada um. Que rasga a pele. De tão vivo de vida. Que carrega o corpo para outra parte. Para o gozo da esquireitura. Para o clímax da esquireitura. Que faz desejar o esquireitor-educador a fazer coisas novas, outras, impensadas: com a vida, a arte, a literatura, a Terra. Que faz afirmar e viver as paixões na pedagogia. O desejo de escrever parece especialmente importante para a educação. O desejo: conceito suculento.

O texto de sabor é o preferido. É por ele que o escritor-*chef* tem um afeto especial: um apetite. O texto de sabor tem um tempero, cheiro, cor e gosto inigualáveis. É pelo sabor das (carnudas e suculentas) palavras que o esquireitor se empapuca quando escreve. O esquireitor só escreve pelo prazer gustativo da esquireitura. Pelo paladar. Pra dizer não de saberes, mas de sabores. O que escreve, é para ser

degustado, comido, devorado. O escreitor está com a língua e a boca lambuzadas. Nesse lugar de delícias, o escreitor vive em puro êxtase. Saboreando e experimentando a *gulodice da palavra*.

O texto escrito com sabor entra pela boca dos leitores – dimensão erótica e sensual. É um gosto refinado que dá prazer ao nariz, aos olhos, à língua. Nutrição e calor ao corpo e alegria à alma. Escrever com gosto é uma virtude gastronômica: requer uma sensibilidade apurada para discriminar os gostos. O escreitor prova os textos – que é carne e sangue de si – que prepara antes de servi-los aos leitores. Num tremendo banquete de gulodices, instaura-se um festim antropofágico. É aquela lambuzeira danada!

O texto com gosto exige um escreitor sensível aos prazeres da boca. Um escreitor faminto de poesia. O alimento do corpo sai das mãos e da boca do escreitor. O texto com gosto é seu pequeno *kamasutra* dos prazeres da boca. É o resultado da escreitura afiada do escreitor. Das dis(posições) do corpo. Das muitas e infinitas posições de se fazer amor com os lábios, com a língua, com a boca. Das entranhas. Da gula. Dos sentidos todos. Das vivências. Da intuição. Dos instintos mais selvagens. Das delícias do escreitor. O texto suculento olha para o escreitor e diz: *me come vai... me come... mais, mais, mais ainda...*

Se existe uma necessidade do escreitor, é a de produzir prazeres e delícias pelo corpo. É sentir-se devorado. É como num toque de mãos. Uma troca de afetos. É fazer o leitor sentir-se seduzido e acariciado. Possuído e infectado. Sua temperatura elevada – o calor espalhando-se pelo corpo. Seu paladar aguçado. Apalpado nas vísceras. Roçado na pele. O corpo sedento de gozo. Rasgado nas entranhas – tudo ao mesmo tempo o tempo todo. O escreitor vai percebendo a ressonância daquilo que pode seu corpo. Dos devires dos seus textos. Dos fluxos dos corpos. Das conexões e misturas entre os corpos. Das faíscas e lascas. Dos choques elétricos – tem as mãos eletrizadas. Para isso, o escreitor tem que estar sensível aos signos da escreitura. Para continuar pro(movendo) afectos mil. E *tszzzz*. Tome choque. Tá ligado?

O escreitor aprende a escrevler escrevendo. Degustando palavras. *Arrebatado pelo jogo da escrita*. No limite. Experimentando a fascinante quebra de limites. Arriscando. Improvisando. Em direção ao desconhecido: é um audacioso. Tem horror à besteira. Tudo o que escreve é para evocar a vergonha de ser um homem. Para envergonhar os arrogantes, os medíocres e os estúpidos. Pra botar medo nos idiotas e tiranos. Tudo o que escreve remete a um problema. Que é a questão da escreitura, substancialmente. Perseguição de uma saúde. Seu pacto de sangue com a vida: a escreitura: objeto de prazer do escreitor.

Para escrever um texto de prazer, o escritor deve estar aberto aos devires que o atravessam. Necessita ter coragem de lutar contra seu tempo, em favor de um tempo que virá. Precisa soltar-se das amarras, das críticas e da imposição moralizante que o inibem de ter orgasmos com o próprio texto. De fazer a festa. Subverter tudo aquilo que lhe fizeram sentir, pensar e desejar. Voltar a acreditar na vida, no mundo. Fazer variar outras formas de vida. Desatar-se da camisa-de-força do juízo e da i(moral)idade que o impedem de escrever diferente. Escreve para ficar livre. Do quê?

O escritor possuído pelo desejo de escrever deleita-se num clímax literário. Numa sensualidade que faz da escrita um ato erótico. Uma bacanal. Escrever é uma necessidade do corpo inteiro e das mãos – sedentas de gozo – do escritor. Seu vício de amor. O escritor de prazer faz parte dos viciados em escrever. Ele nos desperta com um golpe de punho sobre a cabeça. Escrever é sua declaração de amor com a vida. Que o faz viver intensamente em prazer.

A escrita dos prazeres é atravessada por um invisível. Por uma força. Por um puro dever. Que faz o texto vampirizar e engolir o escritor, tornando-o um desejante insaciável. Que clama impiedosamente pelo prazer. O texto é uma sanguessuga que não dá

trégua. Agarra apaixonadamente o corpo – possuído – do esquireitor e suga-lhe sofregamente seu sangue quente. O texto é como um vampiro: nutre-se do sangue da vida.

É a partir de sua condição marginal que o esquireitor *arrasta a língua para fora de seus sulcos costumeiros, leva a delirar*. O esquireitor de prazer sabe que *o problema de escrever é também inseparável de um problema de ver e ouvir*. Trata-se de uma esquireitura que arranca o véu da representação, para ver e ouvir *o que está escondido atrás*, para potencializar os olhos e ouvidos-artistas do esquireitor. Escrever é poder ver e ouvir nos limites da linguagem.

Quando escreve, o esquireitor empenha-se em viver a experiência da dor e do prazer que é escrever. Sofre o texto. Sofre o mundo. Escreve para se transformar em algo outro, diferente do que é: um estrangeiro em sua própria língua. Ao escrever, se lança na aventura do distanciamento e do esquecimento de tudo aquilo que sabe, para experimentar uma esquireitura inédita. O valor de seus textos mede-se pela força que tem de romper com o senso comum, com a verdade. Pela força que tem de escancarar a vida, instaurando uma nova sensibilidade. Das qualidades e intensidades de seus afetos. Sabe que já não é mais possível escrever um texto, em literatura, em

filosofia, em educação, como há muito tempo se faz. Ah! Há muito tempo...

Uma misteriosa alquimia transforma as palavras do esquireitor em verdadeira obra de arte: criação. Sua esquireitura é arte. É o resultado de um trabalho alquímico que consiste em retorcer, deformar, dar sentidos novos às palavras. De um estouro esplendoroso no pensamento. Uma manifestação mágica, cheia de segredos e quase divina no corpo. Com ares agressores, tal magia submete o esquireitor a forças que o fascinam. Destruição e criação que vem da queda de um trovão. Sombras que iluminam e trazem novas potências e sensações para a esquireitura. Escreve-se para gozar um mundo. Para gozar um mundo: escreve-se.

A esquireitura dos prazeres pode ser comparada a um ato de amor que requer: atenção, carinho, cuidado. A esquireitura nesse caso serve para se chegar até o ser amado. Serve para dizer das experiências amorosas, sonhos, desejos: para dizer a vida. A linguagem pode ser comparada a uma experiência amorosa. *A linguagem é uma pele: fricciono minha linguagem contra o outro. Como se eu tivesse dedos na ponta de minhas palavras. Minha linguagem treme de desejo.* O corpo do esquireitor treme de desejo, se arrepia de gozo: *jouissance*. A esquireitura como objeto (sensual) de prazer. Ah... a esquireitura! Ah... os prazeres do corpo! Ah... os sabores da diferença!

(ânus)

por detrás de cada palavra umedecida de sangue febril uma delícia um gosto um odor um arrepio de selvagens flores na ondulação da pele d'um musculoso corpo negro ferido de touro queimado uma mordida aflorada em teus dentes um beijo em chamas com gosto de éter um silêncio um desejo se enterra sílaba a sílaba contaminando um corpo moreno azulado o corpo da palavra em fluxo sêmen violento a me correr pelo sangue embriaga-me de sol frio queima ferozmente as entranhas da terra e de tudo aquilo que escrevo e escavo no coração despedaçado do texto por detrás de cada palavra convulsionada existe um corpo furioso que a gerou – ó tu amante das amantes – palavra que ilumina a peste em meu corpo me possui assalta desassossega seduz fere fascina sufoca mata me poussa suavemente a faca na boca a faca no corpo a faca no peito a faca na louca me faz ranger os dentes tremer a pele soltar gemidos de delícia e espasmos no escuro como os de um condenado à morte

**MOVIMENTO DO ESCREVLER.
APRENDER ESCREVLENDO**

PRAZERES. Do prazer de ler ao desejo de escrever algo se passa. Ao escrevler, um espaço de prazer é criado. Aprender a escrevler é muito mais que um processo lógico; exige uma sensibilidade nova para além do pensamento. É um procedimento físico e corporal com as palavras, uma aprendizagem com os prazeres da carne. Escreve-se para sensualizar. Para abrir o corpo a afetos inéditos.

Escrevler

entre ler e escrever

algo se passa

um desejo de escritura

que decorre do prazer de leitura.

Escrevler.

Algo se passa:

uma esperança, uma alegria, uma vontade,
uma loucura, um desejo: um gozo de escreitura.

Escrevler.

Algo escapa. Vaza aos códigos.

Faz vagar o pensamento.

Fluxos e variações da escreitura.

Sempre a mais fugidia: a escreitura.

Escrevler.

Algo se passa.

Num mo(vi)mento estranho,
onde o espanto move a escrever.

Pro(move) sensações diversas.

Carrega o corpo para outra parte.

Para aprender a escrever, há que se mover,
não ficar parado.

É aí que o corpo pode ou não pode.

Escrever.

Alguma coisa muito forte se passa.

Alguma coisa arrasta o corpo para a esrileitura.

Forças indecifráveis.

Que aumentam a potência de agir e pensar do corpo.
Possessão de um texto no corpo do educador-escritor.

Um enigma. Uma espécie de incandescência misteriosa desloca as paisagens da escrita. Seu corpo forças e afetos, fazendo passar alguma coisa: uma sensação, um afecto, uma vertigem. Partículas de intensidade. Uma enxurrada de sensações. Reinvenção do corpo inteiro. Verdadeiro contentamento de um desejo amoroso.

Escrever.
Tornando-se outro na escrita.
Lançando-se num para lá de mim mesmo.
Um exilado na escrita. Irreconhecível.
Fazendo-se estrangeiro na sua própria língua.

Prazer de leitura
que se faz desejo de escrita
que se faz leitura
uma empurrando a outra
uma inquietando a outra
apaixonando uma a outra
perpétuo recomeço do desejo.

Escrever.

Algo se passa *entre* o corpo do educador-escreitor,
o corpo do leitor e o corpo do texto.

Aqui, algo se passa.

Uma potência afetiva e erótica se passa:
nos corpos.

Naqueles que têm o desejo de escrever,
eles estão agora: com tesão.

Aqui,
o educador-escritor não aprende nada,
se não for por decifração de signos.

Aqui,
o educador-escritor não escreve nada,
se não entrar de corpo inteiro.

Se não se entregar à escrita.

Aqui o educador-escritor aprende a escrever escrevendo.

Encontro com um gesto perturbador que o força a escrever.
Violência que só a arte pode lhe proporcionar.

Fora daqui,
do desejo de escrever,
nada se passa.
Só no ato de amor pela escrita,
algo se passa.

Tudo aqui nessa escrita é feito de amor. Toda escrita é uma experiência de fazer amor. Toda ela aflora amor. Respira amor. E quanta coisa se perde ao deixar a força de amar. A liberdade de amar. E quanta falta de sentido a escrita perde, se não for feita com amor.

O educador-escritor tem corpo. Se descobre corpo com outros corpos. Mesmo que um corpo sem órgãos. Tem corpo o educador-escritor. Tem corpo a escrita. Um corpo que se descobre desejante. E aprende o que é ter fome. Um corpo livre, bravo, impulsivo, guloso. De calorosa intensidade criadora. Sempre urgente, quer escravizar conceitos, criar linhas de fuga, transgredir a moral.

O corpo do educador-escritor foge. As palavras fogem. Tudo foge da ordem. Da ordem das palavras. Todo tipo de corporalidade. O corpo foge da ordem. Se desloca bailarino. Líquidos escorrem da pele do papel. Do papel que vira carne. O educador-escritor não quer explicar nada. Refletir nada. Pregar nada. Quer apenas o gozo do texto. O prazer do texto. Quer ser apenas um corpo em devir.

Quer continuar a fugir.

Escrever.

A palavra vem toda quente.

Jorrando como esperma morno do gozo.

Esporreadas na pele branca do papel.

Escrita insensata sem outra finalidade.

Um orgasmo louco, mal-educado.

Escrita sem finalidade.

Ansiedade de foder o corpo frio do papel:
orgia pura.

O movimento do escrever é transe. Metamorfose. Vontade de potência. É o corpo do educador-escritor escrevendo. Devorando textos. Avançando sobre os textos. Abocanhando os textos que ama. Canibalismo do educador-escritor. Evisceração. Antropofagia. Maravilhamento. Gole de vida. Eis as condições que fazem um educador-escritor de entranhas. E uma escrita com sangue.

A escrita como arte é a única e nova saúde do educador-escritor. Que o cura de tudo. Que o livra de tudo. De si mesmo.

Sobretudo de si mesmo.

Tendo criado uma nova saúde, o educador-escritor cria também um novo corpo. A partir dessa nova escritura, o educador-escritor revela outras vidas. Libera vidas em toda parte. Onde estejam prisioneiras. Faz da escritura um ato de nascimento. Empreendimento de saúde. Por isso o educador-escritor é médico de si próprio e do mundo. Foi *o homem dos olhos de raio-X* quem disse isso. E o educador-escritor concorda com ele.

Só o escrever liga o educador-escritor a vida. Só o desejo de escrever torna possível o novo do educador-escritor: uma *vita nuova*. Mesmo que o escrever seja um ato solitário. Lugar da mais completa solidão. A escritura cria um mundo ainda por fazer. Onde o educador-escritor não se reconhece mais. Mas se reescreve. Se reconstrói. Um não-lugar que torna o educador-escritor um desconhecido em sua própria língua. Agora, ele já é um outro.

Dá seu possível.

O educador-escritor só começa a escrever, atormentado por uma inquietude que o persegue. Arrastado por um delírio. Por uma potência demoníaca do Fora. O educador-escritor tem um olhar estranho. Move compulsivamente o corpo em velocidades oscilantes. Se lambuzava com as mãos na boca. Gagueja palavras sem sentido. Sua respiração se faz ofegante. Animal estranho perante as regras dos civilizados. Misturado à fumaça dos cigarros o educador-escritor gera uma escrita. Que o faz sair desse marasmo. Desse tédio. Dessa inércia. Dessa imbecilidade da palavra de ordem. Tudo muito inútil, inofensivo e sem graça. Num lugar estranho, marginal e mundano, o educador-escritor faz sua arte, sua escrita. Festeja a vagabundagem e indisciplina da vida e do pensamento.

Não se importa em enlouquecer.

Às vezes o educador-escritor sente uma vontade de morrer. Essa vontade é maior que tudo. Porque é uma vontade que luta contra uma vida morta. Uma vida de rebanho. Que não faz sentido algum. Nada vale a pena. Nada lhe agrada. O educador-escritor não se contenta com pouco. Quer sempre mais. Põe-se a dançar no firmamento. Abraça estrelas. Entra nas profundezas do mar. Um educador-escritor de finíssima sensibilidade para captar o impossível na grande orgia cósmica da noite. Como se só suportasse estar vivendo para escrever e escrevendo para viver.

À noite, sozinho em seu quarto, sente no ar uma potência. Um jogo de forças. Um esplendor do desejo. Uma mistura nebulosa não visível. Mas sentida em todo corpo. Agora, um deus dança dentro dele. Agora, começa sua aventura: começa a escrever.

E escrevendo, o educador-escreitor vai-se deixando envolver pela noite deliciosa de primavera. Escreve sem parar. Escreve sem descanso. Não cessa de escrever.

Não cessa de tornar-se.

O educador-escritor

lê o que

escreve.

E ao ler,

escreve.

De novo.

Escreve palavras.

Outras.

Transforma suas
próprias palavras.

As que lê

e as que escreve.

Suas próprias palavras.

Agora rouba palavras.

As palavras de outros.

Que já se confundem
e não mais se separam.

Que agora são de ninguém.

E de qualquer um.
Suas também.

E escreve.

Na noite de lua cheia, a meia noite, hora de Zaratustra, hora ideal das paixões, dos encontros, dos cantos dos mundanos, dos saltos dos malditos, dos mistérios das coisas demoníacas, do uivo para a lua do educador-escreitor, grunhido de prazer, em que o silêncio, o café, o cigarro, a música, os livros, o perfume das flores e o ar refrescante da madrugada formam uma atmosfera de trabalho adaptada ao desejo de escrever do educador-escreitor.

Em meio à avalanche de sensações, já de manhãzinha, entre o canto dos pássaros e o raiar do dia, o educador-escritor apresenta algo novo. Um afeto novo. Novas variações para acrescentar ao mundo. Para voltar a acreditar no mundo. Novas poesias para compor uma vida. Para fazer a vida cintilar novamente. Com o que ela tem de mais potente. De mais belo.

E, agora, quer morrer de novo. Morrer de felicidade. Porque há qualquer coisa de insaciável no educador-escritor. Um anseio de escrever há no educador-escritor. Que escreve a linguagem do desejo. Porque há desejo nele. Tem fome insaciável, o educador-escritor. Assim, tem fome. E dessa fome nasce sua beleza. Mora no seu corpo, essa fome, essa energia. Fome de suas entranhas. É o seu corpo.

Escrever.

Algo passa.

No movimento do escrever.

Algo se passa.

Aprender escrevendo.

Sem um por quê.

Ser a gente mesmo o aprender e o escrever.

Então, escrever.
Mover-se no *meio* disso,
de tudo isso.
Do aprender uma escrita,
algo nos passa.

No movimento da vida,

algo se passa:

É, POIS, UM *SENSUAL* QUE ESCREVE:
dos roubos *notados* e *desapercebidos*.

Em torno deste corpo-pesquisador reuniram-se alguns textos que funcionaram como disparadores do desejo de escrever: *Lavoura Arcaica* de Raduan Nassar, *Contos d'escárnio: textos grotescos* de Hilda Hilst, *Água viva*, *A paixão segundo G.H.*, *Um sopro de vida*, *A hora da estrela* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, entre outros. Há mais corpos-disparadores do desejo de escrever, que provém de certas insinuações e roçaduras junto ao corpo do pesquisador. Há aquele que certamente mais o seduziu. O que proporcionou gozo e prazer e mais se esfregou no seu corpo. O indício maior dos prazeres dessa escreteira é ter encontrado esse *sensual*. É um pouco difícil definir onde aparecem as referências de Barthes no texto. Há as que provêm principalmente dos livros: *Fragmentos de um discurso amoroso*, *O prazer do texto*, *Roland Barthes por Roland Barthes*, *Aula*, *A preparação do romance vol. II* e outros. Há o que provém de encontros com Nietzsche e Deleuze. Certamente há outros corpos, textos, livros, fragmentos, notas de aula, insinuações, olhares, toques, encontros de orientação, eventos, performances, artistagens, fabulações e variações da linha 09 de onde dispararam intensas paixões pelo prazer de ler e pelo desejo de escrever, criando novos sentidos para a escrita acadêmica educacional. O indício maior dos prazeres dessa escreteira foi ter encontrado (de maneira apaixonada mesmo!) esse sensual grupo de pesquisa chamado *DIF: Artistagens, fabulações, variações*, coordenado por três sensuais: Paola Zordan, Tomaz Tadeu e Sandra Mara Corazza. Além dos humores artísticos, contágios e afecções com a orientadora deste trabalho e do pequeno coletivo, denominado *MATILHA* (Movimento Apaixonado Trabalhando Incansavelmente para Liberação de Humores Artísticos), envolvido com o eixo temático *Paisagens Plásticas* da linha de pesquisa *Filosofia da Diferença e Educação* do PPGEDU/UFRGS, também ligado ao DIF. É todo esse diferencial

que aflora à pele do pesquisador. Essa escrita é uma das provas desse estranho desejo que não se acaba nunca de desejar.

BIBLIOGRAFIA:

ABREU, Caio Fernando. *Morangos Mofados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Ovelhas Negras*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

_____. *O ovo apunhalado*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

ALMEIDA, Julia. *Estudos Deleuzeanos da Linguagem*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

ANTUNES, Arnaldo. *Tudos*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

_____. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ARTAUD, Antonin. *Escritos de Antonin Artaud*. Trad. de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1986.

_____. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. de Teixeira Coelho. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARAÚJO, Roger. *½ dia ½ noite*. Uma educação por entre as linhas. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Pensamento-Cultrix, 2001.

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

_____. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

_____. *O neutro*. Trad. de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. *O rumor da língua*. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *O grau zero da escrita seguido de Novos ensaios críticos*. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *A preparação do romance I: Da vida à obra*. Notas de cursos e seminários no Collège de France, 1978-1979. Trad. de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A preparação do romance II: a obra como vontade*. Notas de curso no Collège de France 1979-1980. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *O prazer do texto*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BATAILLE, Georges. *História do olho*. Trad. de Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BECKETT, Samuel. *Como é*. Trad. de Ana Helena Souza. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003.

_____. *Fim de partida*. Trad. de Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. *Como dizer*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Porto Alegre: Faculdade de Educação, 2004. (texto impresso)

_____. *Primeiro Amor*. Trad. de Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. *Malone morre*. Trad. de Paulo Leminski. São Paulo: Códex, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. *As Flores do Mal*. Trad. de Pietro Nasseti. São Paulo: Martins Claret, 2007.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: Raduan Nassar. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1996. Semestral.

CORAZZA, Sandra. *Uma vida de professora*. Ijuí: Ed. Injuí, 2005.

_____. *Artistagens*. Filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____. *Manifesto (della scirettura cannibale)*. Porto Alegre: Faculdade de Educação, UFRGS, 2007. Texto impresso.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Trad. de Peter Pal Pélbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

_____. *O que é a filosofia*. Trad. de Bento Prado Jr.; Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. *O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de Georges Lamazière. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V.1. Trad. de Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 2. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. V. 3. Trad. de Aurélio Guerra Neto; Ana Lúcia de Oliveira; Lúcia Cláudia Leão; Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GOMES, Paola. *Arte e geo-educação: perspectivas virtuais*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GOULART, Marilu. *Amor em fragmentos*. Proposta de dissertação. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

HILST, Hilda. *Tu não te moves de ti*. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Contos d'escárnio: textos grotescos*. São Paulo: Globo, 2002.

JAKOBSON, Roman. *A geração que esbanjou seus poetas*. Trad. de Sonia Regina Martins Gonçalves. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

JAMES, Henry. *A Arte da Ficção*. Trad. de Daniel Piza. São Paulo: Ed. Imaginário, 1995.

LEMINSKI, Paulo. *Caprichos & Relaxos*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. *Um sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LOSSA, Mario Vargas. *Cartas a um jovem escritor*. Trad. de Regina Lyra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

LAUTRÉAMONT, Conde de. *Os cantos de Maldoror*: poesias: cartas: obra completa. Trad. de Cláudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão*. Trad. de Irene Hirsch. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Texto, crítica, escritura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MOSÉ, Viviane. *Nietzsche e a grande política da linguagem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MUNHOZ, Angélica. *Corpodançaescritura*. 91f. Proposta de Tese. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NASSAR, Raduan. *Lavoura Arcaica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Um copo de cólera*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*: um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

_____. *O Nascimento da tragédia ou Helenismo e Pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Genealogia da Moral*. Uma polêmica. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Ecce Homo*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A visão dionisiaca do mundo*. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernández, Maria Cristina dos Santos de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

REDIN, Mayra. *Impressões, anotações e distrações*. 107f. Proposta de Dissertação. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta*. Trad. de Paulo Rónai. 31 ed. São Paulo: Globo, 2000.

RODRIGUES, Carla. *Por uma pop' escrita acadêmica educacional*. 180f. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*. Trad. de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2005.

SILVA, Cíntia. *O conceito de desejo na filosofia de Gilles Deleuze*. 167f. Dissertação de Mestrado. Departamento de Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2000.

TADEU, Tomaz. *Isso*. Texto apresentado no Curso de Intensão - “Do prazer de ler ao desejo de escrever”, promovido pelo DIF: Artistagens, Fabulações, Variações. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

_____. *Por que escrevemos assim*. Texto apresentado no Curso de Intensão - “Do prazer de ler ao desejo de escrever”, promovido pelo DIF: Artistagens, Fabulações, Variações. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

_____. *A golpes de estilo*. (texto impresso). Porto Alegre, 2007.

_____. *Deleuze, estilo, escrita educacional*. (texto impresso). Porto Alegre, 2007.

_____; CORAZZA, Sandra; ZORDAN; Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TAVARES, Gonçalo. *O homem ou é tonto ou é mulher*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

_____. *Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *O Senhor Kraus*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

_____. *A perna esquerda de Paris seguido de Roland Barthes e Robert Musil*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

VALÉRY, Paul. *Monsieur Teste*. Trad. de Cristina Murachco. São Paulo: Ed. Ática, 1997.

_____. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

ZORDAN, Paola. *Possuir-se de textos, por textos, com os textos, junto aos textos*. Texto apresentado no Curso de Intensão - “Do prazer de ler ao desejo de escrever”, promovido pelo DIF:

Artistagens, Fabulações, Variações. Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

_____. *Um amor bem vago*. (texto impresso). Porto Alegre, 2007.

_____. *Desejo, motor das artes*. (texto impresso). Porto Alegre, 2007.

BLOGUES:

DIF

www.dif09.com

ENLIVRESCER

www.enlivrescer.blogspot.com

FANTASIAS DE ESCRITURA

www.fantasiasescritura.blogspot.com

FAITZ DIVERZ

www.tomaztadeu.com